

ANO 4/Nº 17/OUTUBRO E NOVEMBRO DE 2013

pense

REVISTA DO PROGRAMA DE
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA



PAIC:

Como estamos e para onde vamos

Em 5 anos, o Programa evoluiu, venceu desafios e ganhou expansão nacional

BONITO DE SE VER
Comunicação e Cultura 6

VIVER PARA CONTAR
Zé de Manu 22

PANORAMA
Tipos de personalidade 28

EDITORIAL

Após cinco anos desde que foi criado, o PAIC acumula uma série de vitórias no nosso Estado. Um dos maiores exemplos disso é sua chegada ao âmbito nacional, com o PNAIC, acompanhando mais crianças e jovens de todo o Brasil em busca de uma maior equidade na educação. Vimos o desenvolvimento do Programa desde seu início e, agora, nesta edição, realizamos uma curta retrospectiva do que foi conquistado ao longo desse tempo, o que fizemos e, principalmente, o que será feito de agora em diante. É fundamental termos consciência do que foi realizado para continuarmos avançando, buscando sempre aprimorar o necessário e manter as expectativas para uma constante melhora. É nessa perspectiva que trazemos na matéria principal o depoimento de alguns professores que, hoje, no 5º ano, acompanham a primeira turma que chegou no PAIC, com suas evoluções e progressos.

Também nesta edição, tivemos a oportunidade de entrevistar o doutor em educação, poeta e escritor Fabiano dos Santos, um cearense que vem disseminando ações e estratégias para a valorização da leitura pelo Brasil e pela América Latina. Na entrevista, Fabiano fala, além de outros assuntos, sobre sua própria formação como leitor.

Na seção Missão Possível, trazemos um exemplo de esforço mútuo e colaboração entre as escolas Tereza Heloísa Saraiva Câmara, de Quixeramobim, e João Batista de Lima, de Irapuan Pinheiro. Ambas foram ganhadoras do Prêmio Escola Nota 10 e souberam passar adiante sua experiência.

A música cearense marca presença nas seções Asas da Palavra e Viver para Contar, com dois nomes importantes do nosso Estado: o compositor Fausto Nilo e o sanfoneiro Zé de Manu. Ambos têm história para contar, das canções e da vida.

Você já ouviu falar em bananeiras que escutam música clássica ou em arte feita com partículas microscópicas? Os dois temas são pauta das seções Meio Ambiente e Filosofando com Arte, respectivamente. Esperamos sinceramente que você goste. Boa leitura, professor!

EXPEDIENTE

GOVERNADOR

Cid Ferreira Gomes

VICE-GOVERNADOR

Domingos Gomes de Aguiar Filho

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO

Maria Izolda Cella de Arruda Coelho

SECRETÁRIO ADJUNTO

Maurício Holanda Maia

CONSELHO EDITORIAL

Rui Rodrigues Aguiar (UNICEF), Cristiane Holanda, Fabiana Skeff, Lucidalva Pereira Bacelar; Márcia Oliveira Cavalcante Campos, Maria Amélia Prudente Pinheiro, Mauricio Holanda Maia e Sandra Leite.

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Maria Amélia Bernardes Mamede

EDIÇÃO

Anna Cavalcanti

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

Sarah Kubrusly

TEXTOS

Anna Cavalcanti, Sarah Kubrusly e Márcia Catunda

REVISÃO

Marta Maria Braide Lima

FOTOGRAFIAS

Capa: Pedro Marques
Morguefile e Wikicommons

ILUSTRAÇÕES

Carlus Campos

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Carol Gouveia e Pedro Marques

FALE CONOSCO

revistapensece@gmail.com

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, o posicionamento da Secretaria da Educação do Estado do Ceará.
Tiragem: 25.000 exemplares

Sumário



Pedagogia



Missão Possível
Nota 10
Apoio mútuo

14



Ciência

Meio Ambiente
Agrotóxicos
Orgânicos na mesa

30



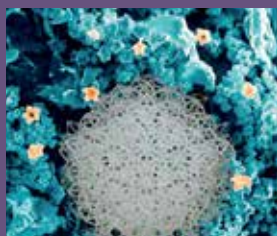
Cultura

Essas Mulheres
José de Alencar
Mulher romântica

20



Pedagogia



Filosofando com arte
Nanoarte
A beleza do invisível

13



Cultura

Sala dos Professores
Apostas
Dê seu palpite

42



Matéria Principal

Matéria Principal
Retrospectiva
Visitando o passado e
buscando novos rumos

24



E ainda

- | | |
|------------------------|----------------------|
| 04 Prova dos Nove | 32 Mãos à Arte |
| 05 PAIC em Dia | 34 Mundo Virtual |
| 06 Bonito de se Ver | 35 De Onde Vem |
| 08 No Ceará é Assim | 36 Asas da Palavra |
| 09 Você Sabia | 38 Papo Saúde |
| 10 Entrevista | 40 Educação no Tempo |
| 16 Plano de Aula | 44 O Ceará Conhece |
| 18 Cadeiras na Calçada | 46 Pense! Indica |
| 22 Viver para Contar | 47 Diversão |
| 28 Panorama | |



Qual a sua dúvida?

Em minha escola, eu e várias colegas sabemos como é importante e faz diferença na aprendizagem da criança ter uma boa comunicação com as famílias dos alunos. Gostaria de pedir sugestões do que podemos fazer para melhorar esse diálogo.

(Fabiana – Fortaleza)

Em primeiro lugar, se em sua escola houver projetos de estímulo à participação e à inclusão de famílias, você pode informar aos pais o tempo em que as ações são realizadas – se acontecem no contraturno, no final de semana, qual a frequência e outras informações necessárias. É importante também que, todo semestre, os professores esclareçam aos pais dos alunos quais serão os conteúdos abordados ao longo daquela etapa e o que se espera que as crianças aprendam. Também é necessário falar sobre o processo avaliativo, ou seja, como o docente vai analisar o processo de aprendizagem daqueles conteúdos – quais provas serão realizadas, quando será a aplicação das mesmas, se vai haver outro tipo de sondagem etc..

Os pais das crianças também se preocupam com seu andamento nas aulas e com o relacionamento com o grupo. Deixe-os sempre a par dessas informações. Para isso é importante ressaltar que o professor o faça demonstrando sempre compreensão, mesmo que se refira a um aluno que está apresentando problemas de comportamento ou grande desinteresse. Dessa forma, o docente ganha mais o respeito e apoio da família, que o percebe melhor como parceiro. Por fim, deixe claro aos pais e/ou responsáveis a rotina das tarefas, pois, mesmo que não haja possibilidade de eles auxiliarem nesses momentos, podem verificar e acompanhar o que o(a) filho(a) está fazendo ou não e cobrar isso dele(a).

Trabalho com uma turma bastante numerosa e às vezes fico em dúvida se um aluno ou outro está dominando determinado conteúdo. Como posso fazer para avaliar essas crianças?

(Mayara – Paracuru)

É sempre válido lembrar que a avaliação é um processo. O desempenho não pode ser avaliado pontualmente e tomando por critério somente um aspecto do conteúdo. Frizamos também que esses momentos devem ser formativos. Se, ao checar se as crianças dominam certo conhecimento,

percebe-se que alguma delas ainda não alcançou o esperado, passa-se a ter em mãos dados que apontam para o que falta ser aprendido e a possibilidade de criar outras estratégias de ensino daquele assunto. São muitos os instrumentos que podem ser utilizados para avaliação: exercícios realizados em sala de aula, trabalho em grupo, atividades de sondagem, observação e até a tradicional prova. **PI**

*Respostas dadas por Sarah Kubrusly, supervisora pedagógica da Pense!

ENVIE SUA PERGUNTA

revistapensece@gmail.com

REUNIÃO COM AS MACROS

Ao longo desse ano, buscando uma melhoria na educação pública, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará está percorrendo diversos municípios para realizar encontros com os responsáveis pela gestão da educação. Nesses momentos são reunidas mais de uma CREDE, com o intuito de, até o final de 2013, todas as secretarias de educação dos municípios cearenses terem recebido formação.

No mês de agosto, aconteceu o 4º encontro, que reuniu as CREDES das Macros C – Baturité, Quixadá e Senador Pompeu – e D – Russas, Iguatu, Jaguaribe e Icó. Entre os temas que foram discutidos estão os resultados do Spaece, do Spaece-Alfa, do Ide-Alfa e do Ide-5 e o Prêmio Escola Nota Dez. Também foram divulgadas, por meio de relatos, experiências exitosas do município de Pedra Branca, que atingiu o segundo melhor resultado nas avaliações.

Outro ponto de destaque foi a discussão em torno da importância do papel das secretarias municipais de educação no acompanhamento das escolas. Essa ação ficou marcada como um momento de formação dos gestores. A grande importância dessa formação deve-se ao fato de que muitos gestores tiveram de assumir seus cargos recentemente – alguns municípios estão com o 2º ou 3º secretário somente esse ano – e certa quantidade deles não é formado nem especializado em educação. Portanto, esses momentos tornam-se fundamentais para o desenvolvimento de um trabalho responsável e eficaz.





Comunicação e Cultura

MILA PETRILLO

Sob coordenação geral de Daniel Raviolo, a ONG Comunicação e Cultura vem disseminando o jornal como ferramenta de prática de leitura e escrita

O jornal escolar pode ser um instrumento muito interessante para trabalhar a leitura e a escrita, além de colaborar com a formação de crianças e jovens mais críticos e responsáveis. Assim, a equipe da ONG Comunicação e Cultura vem incentivando, há 26 anos, o desenvolvimento desse trabalho por meio de diversos programas e recursos. Conversando com Daniel Raviolo, coordenador geral da Organização, pudemos saber um pouco mais sobre os ideais e ações que estão em vigor.

Durante o desenvolvimento de um trabalho de memória histórica com a Associação de Moradores do Mucuripe, de Fortaleza, – antes da criação



Em sala, professores acompanham alunos na construção do jornal escolar

da ONG – os idealizadores da futura Organização receberam, por parte da comissão de jovens daquela Associação, o pedido de publicar um jornal da comunidade. Essa iniciativa tornou-se um projeto de jornais comunitários com distribuição de mais de um milhão de exemplares em Fortaleza, o que acabou gerando uma demanda por parte da rede es-

colar. Inicialmente, as atividades foram desenvolvidas nas turmas de Ensino Médio e, ao longo do tempo, foram sendo criadas metodologias para alcançar também as séries do Ensino Fundamental.

Hoje, já existem programas bem sistematizados para a implementação do jornal escolar. Todos eles adotam um para-

PROGRAMAS DESENVOLVIDOS

Primeiras Letras: Em complemento ao PAIC e com o principal objetivo de resgatar, no processo de aprendizagem, a função social da escrita, é aplicado nas turmas de 1º a 5º anos, com participação obrigatória de todos os professores da escola que lecionam nessas séries. As publicações circulam por toda a escola e entre a comunidade escolar, inclusive nas casas dos alunos, valorizando seu empenho e produção.

Fala Escola: Destina-se aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Nesse programa é produzido um jornal por escola e os alunos escolhem os temas que serão abordados nele. Este pode ser produzido tanto em sala de aula, como fruto de alguma atividade mediada

pelo professor, ou então em outros momentos.

Clube do Jornal: Proposta voltada ao Ensino Médio. Nas escolas são compostos grupos que se responsabilizam pela produção do jornal em todos os aspectos, como escolha e produção de textos, diagramação e estipulação da quantidade de páginas.

Jornal da Classe: É o programa mais novo – está na primeira turma. Trata-se de um trabalho de incentivo para que o professor seja professor-reflexivo e transforme sua turma em uma redação de jornal. A ideia é fazer um pacto com os alunos, combinando que tudo o que será estudado ao longo do bimestre será posto no jornal. É importante que toda a turma sinta um ambiente de produção de jornal.

– pois incorporamos a ideia da cooperação como algo que se aprende –, a segunda reescrita, a seleção, pelos alunos, dos textos que vão para o jornal e a reescrita final dessas produções que foram eleitas. Isso demonstra que não é se escrevendo da maneira que quiser que um texto vai para o jornal. Pode acontecer, no entanto, de os alunos escolherem a pior produção escrita porque gostaram do tema. Nesse caso, a turma terá que trabalhar para construir um texto que seja adequado para publicar”, explica Daniel.

A proposta da Organização, portanto, significa a adoção de uma ferramenta com muitas possibilidades de uso: além de explorar a leitura e a escrita, contribui para discutir cidadania por meio dos recortes da realidade que se publica nos jornais, bem como incentivar a cooperação e a responsabilidade. **P!**

digma de integração, que sugere agregar a proposta da ONG à lógica dos programas das redes escolares. Aqui no Ceará, por exemplo, há o desenvolvimento de dois tipos de metodologia: uma para os anos iniciais e outra para os anos finais. Daniel Raviolo explica que “a primeira foi pensada como complemento ao PAIC. Os jornais seriam produzidos nas turmas de 3º, 4º e 5º anos para que os estudantes tivessem uma prática consistente de escrita depois de alfabetizados. A segunda foi dirigida aos alunos do Ensino Médio. Nessa

etapa, esses jovens buscam autonomia e há a organização do grupo que elabora o jornal por parte da escola, bem como o desenvolvimento dessa atividade no período de contraturno”.

Um aspecto que ganha grande importância nessa proposta é que o jornal não é produzido de maneira aleatória, há rigor no processo de elaboração: “Todas as sequências didáticas sugeridas são compostas por elementos como a problematização, a escolha do tema, a primeira escrita, uma leitura complementar, a revisão coletiva entre pares

SAIBA MAIS

A ONG Comunicação Cultura está em todo o Brasil. Em seu portal www.comcultura.org.br estão disponíveis, gratuitamente, materiais para a produção de jornais e possibilidade de impressão do mesmo a preço de custo. Para ter acesso, basta fazer o cadastro no site. Ele recebe cerca de 3 mil visitas por mês de vários estados do País.



Casas de taipa

CÉSARA A. MARTÍN

Com quase 100 mil anos de existência, elas ainda são usadas pelos moradores do interior do Estado

As casas de taipa são consideradas uma representação da arquitetura cearense que estão localizadas, em maioria, no interior do nosso Estado. Feitas de barro e de madeira, essas moradias já existem há mais de nove mil anos e surgiram no período mesopotâmico. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Ceará existem aproximadamente 93 mil casas de taipa, servindo de abrigo para milhares de cearenses. Atualmente, é o segundo estado que mais possui esse tipo de moradia, perdendo apenas para o Maranhão.

Desde os tempos históricos, o homem estabelece uma relação de sobrevivência com a natureza, em atividades como a caça e a pesca. As casas de taipa ou de pau-a-pique também representam essa relação que permeia até hoje, conservada pela tradição oral. A casa de taipa nas-



Construídas de forma ecológica, as casas de taipa fazem parte da cultura cearense

ce do chão, é feita somente com elementos da natureza, como a terra e as árvores, e são tão naturais que chegam a ser comparadas com os ninhos do joão-de-barro, por causa do interior simples e fresco.

Esse tipo de moradia surgiu no País quando os portugueses a trouxeram e a difundiram em todas as regiões. Ao contrário dos outros tipos de casas, as de taipa são uma construção discreta e silenciosa. Apesar de simples, é preciso muita atenção e cautela na hora de construir uma casa de taipa, pois o barro tem de estar molhado e no ponto certo para não causar rachaduras na parede.

Entre as principais vantagens dessa morada estão a facilidade na incorporação da mão

de obra, permitindo a construção comunitária, o baixo custo com material e o fato de não agredir o meio ambiente, por não causar combustão nem poluição industrial. A madeira utilizada nas estruturas é cinco vezes menor do que a necessária na queima de tijolos para uma mesma parede, por exemplo. Contudo, os moradores devem ter muito cuidado para não contrair doenças, pois as armações de madeira expostas à umidade facilitam a instalação de mosquitos.

Atualmente, existem pousadas, restaurantes, escolas e igrejas que adotam o estilo e fazem sucesso entre os visitantes. Ainda hoje, países como a Alemanha conservam casas em taipa construídas no século XIII. **PI**



Que não sentimos dor ao cortar o cabelo por causa das terminações nervosas?

Assim como as unhas, os cabelos não possuem as chamadas terminações nervosas, que cobrem o resto do corpo. Tais terminações são as responsáveis por nos fazer sentir dor ou aguçarmos nosso tato, seja tocando em algo quente, frio, seco ou até mesmo fofo. São essas terminações que enviam mensagem ao cérebro avisando que estamos tocando em algo ou sentindo alguma dor. Cortar o cabelo ou a unha é algo indiferente para nosso corpo, pois eles crescem novamente e assim são substituídos. Como não ameaçam nosso corpo, não sentimos dor, afinal a finalidade principal da dor é avisar que algo está errado em nosso corpo.

Que a expressão “a preço de banana” surgiu no período da colonização brasileira?

Quando os europeus chegaram ao Brasil, perceberam logo a abundância da bananeira em nossas terras tropicais. Nosso clima equatorial era e é propício para a formação do fruto, que se espalhava sem que fosse feito muito esforço para o seu plantio. Assim, por sempre haver uma fartura muito grande de bananas, os comerciantes europeus não tiveram interesse em explorar comercialmente um produto que podia ser tão facilmente obtido, tendo em vista a lei da oferta e da procura. Foi dessa maneira que surgiu a expressão “a preço de banana”, que hoje se remete a um produto que está sendo comercializado por um valor bem pequeno.



Que o cobogó tem esse nome por causa do sobrenome de seus criadores?

Apesar de ser considerado um material de arquitetura antiga, o cobogó continua fazendo sucesso entre os mais variados projetos arquitetônicos do País, principalmente por ser considerado muito bonito e acessível. O material foi criado pelos engenheiros Amadeu Coimbra, Ernest Boeckmann e Antônio de Góis, que utilizaram as primeiras sílabas de seus sobrenomes para formar o nome do material: CO, BO e GÓ, respectivamente. O cobogó teve origem em Pernambuco, mas alcançou popularidade pelo resto do País nas décadas de 1950 e 1960. A inspiração para a criação do produto veio de tempos mais antigos, ainda no período colonial, quando as mulheres trancadas em suas residências utilizavam o Muxarabi (entrelaçado de tiras de origem árabe) para bisbilhotar a rua de fora sem serem vistas. Em regiões mais quentes, como o Nordeste, o cobogó ainda é bastante famoso principalmente pelo fato de ajudar a ventilar o ambiente e oferecer mais segurança no local. Arquitetos consagrados, como Oscar Niemeyer, também usavam muito o cobogó em suas obras.

Que comer manga com leite não faz mal?

É comum ouvirmos que a mistura manga com leite pode causar problemas de digestão, entretanto, isso não é verdade. Esse é um mito antigo que surgiu na época da escravidão. Como nessa época o leite era um alimento muito caro, os donos de terras inventaram essa mentira aos escravos para que eles não consumissem o leite nem as mangas disponíveis em suas terras. O mito foi se espalhando e muitas pessoas acreditam até hoje. A mistura não causa indigestão nem qualquer outro dano à saúde. **[P]**

FONTES: [HTTP://WWW.SITEDECURIOSIDADES.COM/CURIOSIDADE/](http://WWW.SITEDECURIOSIDADES.COM/CURIOSIDADE/) • [HTTP://WWW.BRASILESCOLA.COM/CURIOSIDADES/](http://WWW.BRASILESCOLA.COM/CURIOSIDADES/) • [HTTP://MUNDOESTRANHO.ABRIL.COM.BR/](http://MUNDOESTRANHO.ABRIL.COM.BR/) • [HTTP://WWW.VOCESABIA.NET](http://WWW.VOCESABIA.NET)





Fabiano dos Santos

Mestre em História, doutor em Educação, escritor, poeta e professor. O cearense Fabiano dos Santos vem trilhando um sólido caminho em prol da educação. Nos últimos anos, teve forte atuação no Ministério da Cultura do Brasil (Minc), marcada pelo lançamento de ações e estratégias para a valorização, democratização e promoção da leitura. Nesta edição da revista *Pense!*, Fabiano nos fala um pouco de seu percurso e das iniciativas em favor da leitura.

Pense!: Em sua trajetória, o envolvimento com questões relacionadas à leitura é notável. O que você considera que marcou seu percurso de vida e formação profissional para gerar o grande envolvimento com essa temática?

Posso falar de uma experiência de infância que foi vital para esse caminho no universo da leitura e da literatura: tive uma avó que contava histórias e que era a maior contadora de histórias do mundo. Eu sempre estava na barra da saia dela. Ela gostava



de reunir os netos para contar histórias da vida, histórias de encantamento, histórias de trancoso, histórias da Bíblia e outras. Lembro da voz dela, por exemplo, contando a história de Jonas e a Baleia enquanto ficávamos ali, paralisados. Depois fui entender que ela só gostava de contar histórias porque a gente gostava de ouvir. E posso dizer, com isso, que a arte de contar histórias também é, sobretudo, a arte de ouvir. Minha mãe gostava de ler livros para a gente na hora de dormir. Lembro de duas coleções que, inclusive, ainda estão em sua casa: uma com lendas e mitos brasileiros e outra que era composta por contos clássicos de Hans Christian Andersen, Irmãos Grimm e Fábulas de Esopo. Já meu pai contava as histórias mais absurdas possíveis, que eram as da vida dele. Essa experiência com a palavra, não somente com a história ou com o livro, é que acredito ter sido marcante e que eu penso que foi vital para minha chegada e encontro com o livro e a leitura. Outro momento foi na adolescência. Como sempre fui baixinho e feio, acabei descobrindo a poesia. Isso, no entanto, inicialmente aconteceu através da música, e não dos livros.

Descobri, por exemplo, Chico Buarque, Milton Nascimento, Caetano, com ritmo e letras. Isso me conduziu à literatura, não que a música não seja literatura também. Comecei a ler livros, primeiramente de poesia, e depois alguns romances.

Pensel: E como estudante e profissional? O que foi mais memorável?

Cursei História, na Universidade Federal do Ceará, e lá encontrei um grupo de amigos, com os quais me reúno até hoje. Chamávamo-nos de “Internos do Pátio” porque indicava o local onde nos reuníamos. Também fazíamos poesia. Depois da graduação, fiz um mestrado em História na PUC de São Paulo e um doutorado em Educação na UFC. Simultaneamente à pós-graduação, lecionei como professor substituto cerca de dez anos, na UFC e na UVA. Próximo à conclusão do doutorado, em 2004, fui convidado por uma amiga para trabalhar na Secretaria de Cultura de Fortaleza e, ao final do mesmo ano, ingressei na Coordenadoria de Políticas de Livro e Acervos. Foi uma experiência muito rica, tanto que parei de dar aulas e me foquei nesse campo das políticas públicas de cultura e educação.

Na Secretaria de Cultura de Fortaleza, desenvolvemos um projeto chamado Agentes de Leitura. Consistia em selecionar e formar jovens para atuarem em sua própria comunidade como agentes culturais, sendo agentes de leitura. Esse projeto ganhou uma repercussão interessante e o Ministério da Cultura o reconheceu e me convidou, em 2007, para trabalhar lá na coordenação do Programa Mais Cultura. Isso se estendeu até que se criou a Diretoria do Livro, Leitura e Literatura, no final de 2008. Fiquei quatro anos e meio no Ministério da Cultura como diretor dessa área. Antes de seguir para o Minc, no entanto, trabalhei na Seduc-CE como consultor do PAIC. Quando isso aconteceu, o Programa estava sendo formulado e, juntamente à equipe da Secretaria, refletimos sobre o Eixo de Literatura e Formação do Leitor, com suas ações e a consciência de que não basta colocar livros em sala de aula sem oferecer uma boa formação ao professor. A aposta nessa formação deveria acontecer a partir de uma experiência de leitura entre esses educadores e de como, a partir dessa formação, isso poderia influenciar de forma positiva as próprias crian-



ças. A literatura seria o instrumento para essa formação. Também trabalhei no Cerlalc-Unesco (Centro de Fomento para o Livro da América Latina e do Caribe). É um organismo internacional, mas, sobretudo, um organismo intergovernamental composto por 21 países da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal, com 41 anos, e que apoia os governos na formulação e avaliação de políticas públicas na área do livro, da leitura, da biblioteca e do direito do autor.

Pense!: Sua preocupação em formar o leitor e fazer que a criança sinta a literatura como algo presente na sua vida é notória. Então, como você enxerga o Brasil e a América Latina no caminhar em direção a essa mudança?

A realidade do Brasil não é muito diferente da dos países da América Latina, que têm uma dívida social e histórica muito grande com a leitura. Esse quadro, no entanto, vem mudando. A cada década – período em que se consegue ter condições para medir os impactos e as mudanças de uma política pública –, a educação no Brasil vem tendo uma melhora significativa. Hoje, temos a universalização do acesso à

educação. Permanece, porém, um desafio muito grande que é o da sua qualidade, algo que depende muito de uma política de leitura e de formação do leitor, incluindo não só alunos como também professores. Como um professor que não gosta de ler e de escrever vai despertar o gosto pela leitura e pela escrita? Por isso penso que ter uma agenda para formação do professor-leitor é estratégica para a qualificação da educação no Brasil. Também penso, contudo, que não é por carga-horária que se forma um professor-leitor e, sim, ao possibilitar situações e tempos em sua vida para que tenha a experiência da leitura, que é algo diferente. A experiência, segundo Jorge Larrosa, é aquilo que nos passa, nos atravessa, nos toca. E ela só é uma experiência quando gera transformação. Se você faz algo e isso não te toca, não te transforma, é outra coisa, menos uma experiência. Portanto, a experiência da leitura também é uma experiência de transformação.

Pense!: Pensando em termos de políticas públicas, qual seria o perfil de espaços que estimulam e propiciam a leitura?

Existem três ambientes vitais para a formação de leitores: a família, a escola e a biblioteca pública. É importante que as políticas de educação e de cultura possam olhar para a família, sobretudo para aquelas que não têm condições ou não têm acesso a esse bem cultural tão rico que é o livro. Existem programas assim no Brasil e na América Latina. No Ceará, o Agentes de Leitura é um exemplo e, assim como ele, há outros. Ou seja, é perceber que a família também é um espaço de política pública. Na escola, além de alfabetizar, o aluno também deve ser acompanhado para que não abandone a literatura, a experiência com a leitura. Afinal, a leitura não deve servir para responder as mesmas coisas. Não lemos para responder nada, lemos para fazer mais perguntas. Para isso, poderíamos pensar em algumas estratégias ou em alguns perfis de programas e projetos. Um deles é apostar na biblioteca escolar e de como ela pode estar relacionada aos projetos de cantos de leitura na sala de aula, mas também apostar na biblioteca escolar como um espaço estratégico tanto na arquitetura física como na arquitetura pedagógica da escola. **PI**



Beleza onde ninguém vê

Na nanoarte, partículas microscópicas se unem para construir imagens encantadoras

O ditado “o que os olhos não veem, o coração não sente” fala sobre quem faz vistas grossa a qualquer coisa que possa trazer incômodo ou sofrimento. Para não sentir, melhor não ver! Ressignificando o dito popular, um grupo de cientistas-artistas pretende com seu trabalho fazer exatamente o oposto – mostrar o que não podemos ver com nossos olhos com o intuito de fazer nossas mentes e coração pensar e sentir a grandeza e os mistérios do mundo atômico. Trata-se da nanoarte, feita a partir de microscópicas estruturas que têm encantado pessoas do mundo inteiro, sendo ainda um convite à reflexão sobre quem somos, de onde viemos e para onde vamos.

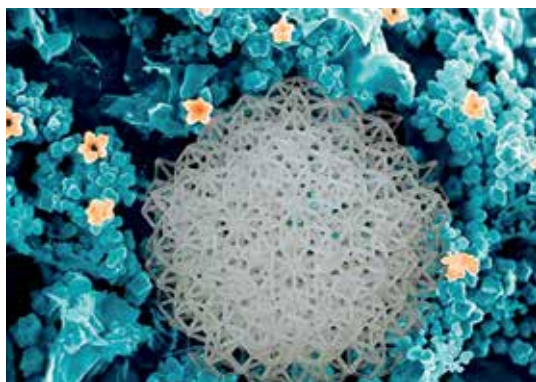
O termo nano – do grego, “anão” – equivale, no Sistema Internacional de Unidade, a um bilionésimo de um metro, aproximadamente 80 mil vezes menor que o diâmetro do fio de cabelo.

São partículas invisíveis a olho nu mesmo com ajuda de microscópios comuns. No entanto, com o avanço da ciência e dos modernos microscópios eletrônicos de varredura, que possibilitam estudar a matéria em sua dimensão atômica, abriu-se um novo e misterioso universo, o da nanotecnologia, de grande potencial de uso e de beleza ímpar.

A coisa funciona assim: as imagens capturadas pelos equipamentos mostram paisagens atômicas fantásticas, em formas infinitamente diversificadas e movimentos delicados, muitas vezes nada similar ao que conhecemos. Essas imagens são alteradas pelos cientistas que acrescentam colorações abstratas, movimento e música para criar suas obras artísticas.

Em um universo bem menor, a um milímetro de área, somos surpreendidos por uma infinidade de formas e texturas originais, complexas e invisíveis ao olho nu. Desde o início de 1990, a nanoarte tem sido exposta em vários locais por todo o mundo e, nos últimos anos, estão sendo realizados vários festivais promovidos por universidades e organizações como

REPRODUÇÃO



centros culturais e museus, inclusive no Brasil.

Se Duchamp fez arte tirando um mictório do seu original e colocando-o em uma exposição, fazendo que as pessoas repensassem o conceito de obra de arte, como podemos negar o valor artístico dessas obras que tiram do invisível geometrias e paisagens inimagináveis de objetos “insignificantes” para o cotidiano humano, trazendo aos nossos olhos essa explosão de cores e formas capaz de acordar nossos sentidos e nos levar a uma compreensão muito maior de nossa essência, atômica e molecular, pó universal que a tudo forma e reforma? O que os olhos não veem, o coração não sente? Façamos os olhos verem para o coração sentir, é o que nos diz a nanoarte. **PI**



Somando esforços

Após receber apoio, a Escola Tereza Heloísa Saraiva Câmara vence o Prêmio Escola Nota 10 e passa adiante sua experiência

pense!

Em 2010, a Escola de Ensino Fundamental Tereza Heloísa Saraiva Câmara, localizada em Quixeramobim, alcançou a proficiência 108,20 no Spaecce-Alfa, ficando entre as 150 escolas de menor proficiência do Ceará. Nesse mesmo ano, a Es-

cola de Educação Básica João Batista da Silva, de Irapuan Pinheiro, ganhou o Prêmio Escola Nota 10, apresentando bons resultados do Índice de Desempenho Escolar (IDE). Como essas duas escolas poderiam se encontrar?

De acordo com o regulamento do Prêmio Escola Nota 10, as escolas premiadas devem oferecer apoio técnico-pedagógico para outras escolas que obtiveram menores resultados, como forma de disseminar o conhecimento e fortalecer as relações interestaduais através do PAIC. Foi assim que, em 2011, as duas escolas se encontraram e puderam trocar experiências, com o foco na melhoria do rendimento da Escola Tereza Heloísa Saraiva Câmara.

Durante as visitas da escola premiada, foram apresentadas sugestões de atividades a serem desenvolvidas em sala de aula e no âmbito escolar. Para conquistar e motivar a participação dos alunos que apresentavam baixo rendimento, foram desenvolvidas atividades lúdicas e atrativas, desenvolvendo o gosto pela leitura e, assim, culminando com a melhoria da aprendizagem.

O ponto alto do trabalho foi o reforço escolar realizado através do projeto “Brincando e Aprendendo na Colônia de Férias”, realizado durante o mês de julho de 2011, com continuidade aos sábados nos meses entre agosto e novembro. Uma das maiores dificuldades no período foi mobilizar os alunos a estarem presentes na esco-



O projeto “Brincando e Aprendendo na Colônia de Férias” reforçou amizades e aprendizados

la no sábado, para as aulas de reforço. “Essa conquista só foi possível porque todos os envolvidos (gestores, professores, alunos, pais e equipe do PAIC, da Secretaria da Educação do Município) deram as mãos e assumiram o compromisso de mudar a realidade. Com essa parceria, realizamos reuniões com pais e acompanhamento pedagógico dos alunos com mais dificuldades”, explica Ana Patrícia Lima, coordenadora da Escola Tereza Heloísa Saraiva Câmara e uma das organizadoras do projeto.

Após o engajamento conjunto da comunidade escolar e o apoio da escola premiada, a Escola Tereza Heloísa Saraiva Câmara, que estava entre as 150 com menor proficiência no Estado, ganhou, em 2012, o Prêmio Escola Nota 10, alcan-

çando o nível da escola que a apoiou. De acordo com a nota obtida, as 150 melhores escolas recebem o relativo a dois mil reais por aluno avaliado. Ana Patrícia relembra o resultado com entusiasmo: “A conquista do recurso destinado para a escola trouxe muitas mudanças no que diz respeito à elevação da autoestima de toda a comunidade escolar, como também a aquisição de mobiliário, equipamentos e material de apoio pedagógico, que vieram melhorar o desempenho das atividades cotidianas”. O resultado alcançado é um exemplo da eficácia do Prêmio, que vem apoiando escolas de todo o Estado em busca de resultados mais equitativos, proporcionando um crescimento conjunto e solidário de toda a comunidade escolar. **PI**



Agenda Telefônica em sala de aula

*Trabalhando a
escrita convencional
de nomes e números*

Para que a criança alcance uma escrita convencional é necessário que ela interaja com a mesma praticando-a e utilizando estratégias de correção e de reescrita. Esse momento pode não ser simples para os estudantes e certamente demanda muito esforço.

Com o objetivo de tornar essa atividade mais significativa, o professor pode utilizar meios que façam que a criança manipule e elabore materiais escritos que sejam de seu uso cotidiano. O que vamos propor nesta edição é a lista telefônica.

Antes de iniciar a atividade, o docente deve enviar um bilhete ou comunicar na agenda, com mais ou menos uma



semana de antecedência – para dar tempo de todos os pais checarem as agendas, em especial os de alguma criança que tenha faltado muitos dias –, que será realizada uma atividade de escrita de nomes e números e que é muito importante que eles enviem a sequência numérica do telefone pelo qual seja possível conversar com a criança.

Em primeiro lugar, o professor deve perguntar aos alunos se eles sabem o que é uma agenda telefônica, sua utilidade e levar uma para mostrar às crianças seu formato, estrutura, bem como explicar que nela encontram-se nomes e telefones que precisamos saber para comunicarmos com outras pessoas.

Em sequência, o docente pode perguntar se as crianças costumam ligar para alguém, por exemplo, para os avós, os tios ou amigos e como o fazem. Muitos poderão dizer que a mãe disca para eles, que dita o número ou que eles o sabem decorado. O professor, então, indaga o que podem fazer no caso de não terem um número guardado em sua memória ou que sua mãe não saiba dizer. Por exemplo, será que as mães sabem os telefones de todos os colegas de sala? Propõe, a partir dessa discussão, que as crianças construam, cada uma, sua própria agenda telefônica.

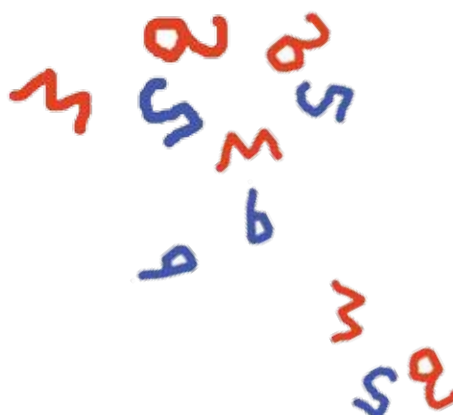
O primeiro passo é escrever o nome do colega e depois, abaixo, o número – dependendo do nível em que se encontrem as crianças, pode ser ou não introduzida a noção da ordem alfabética, que elas podem verificar, quando tiverem dúvidas, em um alfabeto de apoio. Outra alternativa é a professora entregar um caderno com as letras que indicam a inicial do nome na lateral para que as crianças localizem onde devem encaixar cada colega. Esse formato deve ser lembrado e reapresentado para as crianças para que elas se apropriem desse conhecimento, que pode ser inédito para elas até então.

Na aula seguinte, chega o dia de os alunos conferirem e corrigirem a escrita e a posição do nome. O professor pode chegar mais cedo e escrever os nomes dos alunos no quadro com seus respectivos telefones – lembrando de escrever mantendo o formato da agenda e deixando um espaçamento bom entre um e outro para não confundir as crianças. O docente, então, pode ir averiguando um a um e perguntando quem acertou e quem ainda não conseguiu, solicitando sempre que apaguem e escrevam da maneira

correta. Igualmente interessante é dividir as crianças em grupos para que elas confirmem suas agendas em duplas por uma folha.

Enfatizamos a necessidade de o professor observar os erros dos alunos, identificando onde estão suas maiores falhas. Ele pode observar com mais atenção como os alunos percebem e corrigem seus erros (se estão atentos à sequência, à orientação, à utilização do símbolo adequado etc.). Por isso, sugerimos que, antes, ao finalizarem a primeira escrita, o professor leve os cadernos das crianças para casa e leia o que escreveram antes de retomar em outro momento as correções.

Depois das correções feitas, as crianças podem elaborar uma capa para suas agendas e levá-las para casa. Para ficar mais divertido, incentive os alunos a ligarem uns para os outros em algum momento. 





Compartilhar, relembrar e se emocionar

*O hábito de olhar
álbuns de fotografias
antigas proporciona
saúde e alegria*

“O que vai ficar na fotografia, são os laços invisíveis que havia”. Como diz a música do cantor Leoni, uma fotografia é uma imagem que compõe uma história, ainda que não seja possível mostrar todos os fatos que representam aquela foto.

Festas na escola, a primeira aula de natação, o primeiro aniversário, aquela viagem inesquecível... São vários os momentos marcantes que rendem belas fotografias. Apesar de vivermos em uma era digital, em que as pessoas armazenam fotos em CD’s, pendrives ou nas redes sociais,

ainda é comum guardar fotografias em álbuns tradicionais.

Olhar um  lbun de fotografias proporciona momentos de intensa nostalgia, por isso algumas pessoas mant m o costume. É o caso da estudante Raquel Carlos, que olha álbuns antigos em m dia três vezes por mês, junto à sua filha Maria Eduarda, de 1 ano e 7 meses. “Fico comparando como eu era quando criança e a semelhança com minha filha”, explica Raquel.

O gosto pela fotografia   herança de família. Raquel conta que seu pai sempre gostou de fotografar muito e que ela herdou o hobby, pois adora fotografar a filha. Somente da criança, ela já revelou mais de 300 fotos. “Antes mesmo de a Eduarda nascer, eu já tinha costume de revelar as fotos que tirava da câmera digital.

A intenção é fazer o  lbun do primeiro aninho, depois do segundo e assim sucessivamente”, explica, entusiasmada.

Assim como Raquel, a assistente financeira Adeline Bessa também tem costume de ver álbuns: “Sempre que chega alguém, mostro os álbuns e conto as histórias de cada foto. Tem fotografias de nascimento, festinhas do colégio e viagens. A família também fica presente no momento e a  é aquela festa”, conta Adeline, sorrindo.

Apesar de serem as mesmas fotos, cada olhar desperta uma nova lembrança. “Nós rimos das mesmas fotos e histórias, contamos como se fosse sempre a primeira vez. Todas as fotos são marcantes porque possuem uma história inesquecível. Já até me imaginei mostrando esses álbuns para meus filhos e netos”, revela.

O professor Silas de Paula, da Universidade Federal do Ceará, coordena o projeto de pesquisa “A Contemplação Familiar: Fotografia e P s-Memória” e realiza diversos estudos sobre o assunto. Ele conta como surgiu a ideia de realizar esse projeto: “Sempre gostei de álbuns de família. Surgiu, primeiro, da sensação de que não fazíamos mais álbuns e



RAQUEL CARLOS



Raquel (mãe) e Eduarda olham juntas os álbuns de família

passamos a criar banco de dados com milhares de fotos que ninguém mais olhava direito. Aquele álbum que era olhado de vez em quando por familiares, amigos e outros estava deixando de existir”, justifica.

Segundo Silas, os sentimentos mais comuns entre as pessoas que olham álbuns

de fotos antigas é aquela sensação de que “o mundo já foi melhor”. “A fotografia familiar nunca trabalha com conflitos, a família é sempre perfeita nas imagens”, explica.

Com a chegada da tecnologia, será que as pessoas estão investindo menos em álbuns tradicionais? Silas dá sua

opinião: “As pessoas olham com menos frequência os álbuns convencionais, mas há um retorno enorme aos álbuns de casamento impressos. Ao mesmo tempo há uma preocupação, embora pequena, com a perda dos arquivos e a necessidade da impressão das fotos”, conclui o professor. **PI**



As mulheres alencarinas

Ceci, Lúcia, Emília e outras são fortes representantes da mulher romântica na Literatura Brasileira do século XIX

O escritor cearense José de Alencar, nascido em 1829, foi um dos escritores brasileiros que melhor retratou a mulher do seu século, deixando, na literatura, uma forte marca da corrente literária predominante na época, o Romantismo. Vindo da Europa, esse movimento baseava-se na fugacidade da vida subjetiva, retratando saudades, sonhos, paixões e intuições. Considerado o maior escritor romântico brasileiro, José de Alencar foi o responsável pela entrada de novos estilos na prosa romântica, como o regionalismo, o historicismo e o indianismo, temas presentes em sua obra.

O Romantismo na obra alencarina pode ser facilmente percebido por meio do comportamento feminino das suas personagens. Em boa parte dos

seus romances, como “Diva”, “Senhora”, “Lucíola”, “Iracema”, “O Guarani” e “A Viuvinha”, por exemplo, está presente de forma marcante a figura feminina e seus traços românticos, especialmente porque, naquela época, era a mulher o principal público-alvo das suas publicações. A beleza e a sensibilidade eram as características mais fortes de suas personagens femininas, traços fundamentais à mulher romântica.

Em geral, as mulheres românticas alencarinas eram o retrato da perfeição, vistas como inalcançáveis e criadas a partir do imaginário feminino da época, que reunia submissão, maternidade e virgindade. Um dos exemplos dessa mulher perfeita está presente em “O Guarani”, romance indianis-

ta de Alencar, que conta a história do amor inusitado entre um índio, Peri, e a doce e aristocrata Ceci, heroína perfeita do Romantismo: branca, loira, de olhos azuis, frágil e meiga. Ceci é a versão alencarina mais caricata da mulher romântica. Ora é vista como um anjo, ora como um ser humano. Em “Iracema”, Alencar retrata o inverso: um português nobre apaixonado por uma índia, Iracema, a virgem dos lábios de mel. Diferentemente de Ceci, Iracema não é submissa, mas destemida e aventureira.

Seguindo uma ideologia patriarcal e oitocentista, as mulheres românticas possuíam um papel secundário em relação ao homem, sendo sempre retratadas no universo doméstico, casadas e submissas ao marido. Em “Senhora”, José de Alencar faz uma crítica severa a essa convenção e aos relacionamentos amorosos da época através do relacionamento de Aurélia Camargo e Fernando Seixas. Aurélia era uma mulher forte que, após ascender financeiramente, decide negociar seu casamento com Fernando, que antes a tinha desprezado. Como muitas das relações, à época, eram realizadas por influência do dinheiro, José de Alencar traz Aurélia como uma jovem emancipada, que decide com



quem quer casar. Apesar disso, a personagem não abandonava traços básicos do romantismo, como delicadeza e a educação, mas agregava outros, como a coragem e a inteligência.

Em “Lucíola”, a personagem principal, Lúcia, por ser cortesã, é muito mal falada pela sociedade e invejada pelas mulheres aristocratas. Contudo, o que Alencar ressalta ao longo da obra são suas reais características psicológicas, desconhecidas por quem a critica, que compõem uma moça sofrida, bondosa e reflexiva. O autor procura resgatar ideais românticos na cortesã, especialmente quando Lúcia decide parar de encontrar outros homens para se casar com um só, Paulo Silva, seu verdadeiro e grande amor.

O grande diferencial das mulheres retratadas por Alencar, e que chamou atenção à época, tendo em vista os ideais patriarcais, estava na densidade psicológica das personagens que, indo além dos ideais românticos, aprofundava-se à medida que o enredo fluía. Mais do que mocinhas delicadas e frágeis, as mulheres alencarinhas nasceram com um pé no realismo, sedutoras e resistentes. **P!**



Zé de Manu



SARAH KUBRUSLY

Há 54 anos, o sanfoneiro vem firmando seu amor pelo baião, mantendo viva a chama acesa por Luiz Gonzaga

Aos 73 anos de idade, depois de tocar por quase todo o País, o músico Zé de Manu, natural do Cedro, interior do Ceará, ainda nutre o amor pela música, tocando, emocionado, os baiões que ouvia da sanfona de Luiz Gonzaga.

As primeiras memórias musicais remontam desde os seis anos, quando Zé já dava sinais de qual caminho iria escolher para a sua vida. Acompanhando o pai na roça, costumava pegar os talos de milho que encontrava para fazer pequenas cordas, as quais dedilhava enquanto cantava. Perceben-



do o gosto que Zé tinha pela música, sua mãe o presenteou com seu primeiro instrumento, um cavaquinho.

Apoiado e influenciado pelo pai, que adorava ouvir o som do cavaquinho dentro de casa, aos dez anos, Zé começou a tocar com seu tio em festas locais, sempre acompanhando-o nos eventos, madrugada adentro. Após as longas apresentações, Zé, ainda criança, não acompanhava o ritmo da noite e arranjava uma rede para dormir, até a festa acabar.

Aos 13 anos, Zé teve seu primeiro contato com a sanfona ao vê-la sendo tocada pelo tio. Imediatamente, o som do instrumento o tocou e Zé começou a cultivar uma enorme vontade de aprender a tocá-lo. Escondido do tio e sob o incentivo da tia, Zé pegava a sanfona e dava seus primeiros acordes. “Meu tio deixava trancada a sanfona e, às vezes, esquecia e deixava destrancada. Ele ia pra roça, e a mulher dele, minha tia, me chamava: ‘José, pega a sanfona que eu vou pastorear quando é que ele vem’. Aí, eu pegava a sanfona e ficava tocando ligeiro, a vontade era muito grande”, lembra, com entusiasmo. Depois de muito ensaio escondido, um dia, durante uma festa, o tio pediu para Zé segurar a sanfona por

alguns instantes. O que ele não esperava é que o menino, em um estalo, começasse a tocar, ainda melhor que ele, animando a festa e colocando todos para dançar.

Após muito tocar na surdina, Zé ganhou sua própria

sanfona do seu pai, aos 16 anos, e, desde então, nunca mais parou. Há 54 anos na estrada, Zé já percorreu boa parte do País em shows, e ainda mantém sua propriedade no Cedro, onde nasceu e sua paixão pela sanfona começou. **PI**

LUIZ GONZAGA

“O primeiro baião que toquei foi “Penha”, de Luiz Gonzaga”, recorda com alegria. O criador do baião é uma das principais influências na carreira de Zé de Manu. “Todo mundo deve a Luiz Gonzaga. Ele criou o nome do baião e o baião. Ele tinha um sistema de fole, que a gente aprendeu alguma coisa com ele, mas só quem fazia direitinho era ele. Aquilo não tem partitura”, explica Zé.

É impossível contar a história de Zé de Manu sem que se refira a Luiz Gonzaga. O próprio Zé não deixa isso acontecer e destaca a todo momento a importância do músico e mentor na sua vida. “Eu comecei a tocar muito novo, passei muitas coisas boas e muitas coisas ruins, mas a coisa mais importante que me fez feliz foram os sete anos que passei indo para o aniversário de Luiz Gonzaga. Foi a melhor fase da minha vida”, conta, lembrando as viagens que fazia para comemorar a data com o amigo, em Exu, na Paraíba. Foi nessa época que Zé conheceu Elba Ramalho, Gilberto Gil e outros nomes da música brasileira. “Ele completava anos no dia 13 de dezembro, a gente já ia para lá no dia 12, pela manhã. Eu, Waldonys, Eurides [pai do Waldonys] e Dominginhos. Éramos convidados especiais, não precisa nem ele chamar mais. Ele dizia que a festa dele era a gente quem fazia”, conta Zé, com saudade.

Luiz Gonzaga foi também um grande incentivador da carreira de Zé de Manu. Foi ele quem realmente o impulsionou a fazer shows pelo Brasil, deixando o Cedro e partindo para searas mais distantes. “Luiz Gonzaga, pra mim, foi o maior músico do mundo”, reconhece Zé, com admiração.



Novos desafios para novas conquistas

Após mudanças no método de avaliação do Spaece-Alfa, novos resultados confirmam benefícios trazidos pelo PAIC e nos encaminham a objetivos maiores

O que você faria se, quando aplicasse suas avaliações, todos os alunos acertassem tudo? Provavelmente, de início, você poderia pensar que todos estão com um nível excelente de aprendizado. Contudo, sabe-se que, na educação, existem os parâmetros curriculares que norteiam as competências e habilidades que os alunos devem desenvolver a cada ano de estudo. Será que todas as competências reservadas a esse ano estão sendo desenvolvidas de maneira eficaz? Para comprovar isso é importante testar através de mudanças na proposta de avaliação. Elevar o nível

das provas e a forma de aplicá-las para que se possa melhorar a identificação sobre o real rendimento dos estudantes. Uma boa avaliação, através de questões fáceis, médias e difíceis, deve ter a capacidade de espelhar o grau de aprendizado dos alunos, refletindo o tanto que foi estudado e compreendido.

Tendo em vista os sucessivos resultados positivos do Spaece-Alfa, a Seduc, em busca de continuar elevando o nível de aprendizado dos alunos de todo o Estado, não deixou de acompanhar seu processo avaliativo e buscar meios e recursos para gerar novas informações sobre o nível em que se encontram os estudantes avaliados, bem como repensar as estratégias que podem ser utilizadas para não perder o foco no alcance dos objetivos e metas da matriz de apoio ao PAIC.

Dessa forma, com o apoio do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (Caed)

– uma instituição que elabora e desenvolve programas estaduais e municipais destinados a mensurar o rendimento de estudantes das escolas públicas – foi feita uma reelaboração da avaliação, que incluiu, por exemplo, reformulação de itens e mudanças na forma de aplicação da prova. A doutora em Educação e especialista em linguagem do Caed, Hilda Micarello, explica que “a avaliação em larga escala, como qualquer outra avaliação, precisa de um instrumento que seja adequado à população que ele se propõe a avaliar”. Assim, o que foi feito nessa última edição e que a diferenciou das edições anteriores foi um ajuste do teste em função de termos, em edições passadas, uma prova que estava se mostrando muito fácil para o público ao qual ela se destinava.

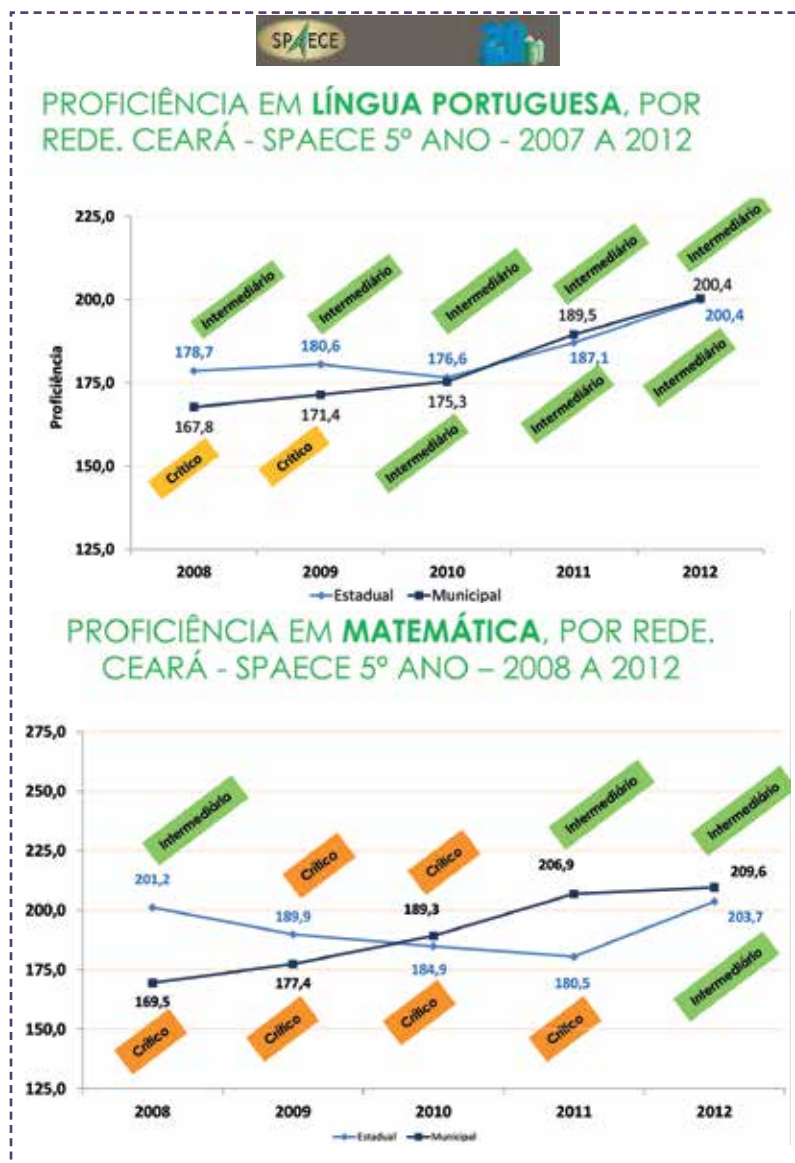
À medida que o Ceará foi avançando na melhoria da qualidade da alfabetização dos

seus alunos, o teste anterior se mostrou inadequado aos moldes para avaliar essa população. “Quando se diz ‘está tudo verde’ mostra que a população atingiu aqueles patamares que foram colocados como meta quando a avaliação começou. Agora é o momento de estabelecer novas metas. Isso pode ser uma das razões, do ponto de vista pedagógico, que se tenha observado alguma alteração”, esclarece Hilda.

Novas metas

À medida que aquilo que outrora era denominado de desafio já não pode mais assim ser chamado, busca-se compreender quais são os novos degraus de difícil subida e continuar a caminhada em direção ao constante crescimento. Essa filosofia também é aplicada para as avaliações de larga escala e programas educacionais.

Se conteúdos que antes se constituíam com nível de dificuldade alto, hoje já se configuram com índice de quase 100% de acertos já não podem ser considerados desafios. A avaliação de larga escala, nessas condições, portanto, deverá ser repensada e reelaborada para a coleta de novos dados – em que os alunos precisam melhorar ainda mais – e para ser, de fato, um instrumento adequado para a população que se propõe



a avaliar. Frente a novos resultados e indicadores de avaliação, o mais importante é travar novas metas e ações para estimular o constante desenvolvimento.

A Seduc já se adiantou em relação a isso. Uma das primeiras ações tomadas foi

realizar reuniões com as CREDES para esclarecer sobre a necessidade de um maior acompanhamento de alguns municípios, discutindo resultados, desempenho dos alunos que vinham do 2º ano com o nível de alfabetização ainda in-

suficiente, identificando as políticas de reforço escolar desses municípios e propondo outras, e sugerindo intervenções diferenciadas.

Outra ação também iniciada é o Acompanhamento de Gestão aos Municípios Prioritários. Trata-se de realizar reuniões com representantes da Seduc, das CREDES, dos municípios com as duas escolas de uma determinada região que caíram mais nos resultados e propor alguns encaminhamentos. Depois, segue-se para a prefeitura para apresentar e formalizar essas medidas, bem como afirmar a importância do apoio desta a essas escolas.

Medida igualmente importante que vem sendo tomada é em relação ao processo de formação. Usualmente isso é feito com os formadores para que eles cheguem aos professores e propaguem o que foi aprendido. No caso dos municípios que necessitam de maior apoio, as formações para o 1º ano estão acontecendo diretamente com os professores.

Como afirma a coordenadora do PAIC, Lucidalva Bacelar: “é uma ação com princípio na equidade, pois continuamos com todas as ações para todos, no entanto, para aqueles que apresentam um quadro com maiores desafios, chegamos

com mais ações, mais apoio à gestão escolar, à gestão da sala de aula e à gestão do município. Além disso, entramos com formações e avaliações – apoiamos para que as avaliações desses municípios aconteçam mais amiúde que outras”. Com as medidas tomadas, podemos dar sequência a essa caminhada, acreditando em uma continuidade responsável e eficaz do que já vinha sendo realizado. Conhecendo melhor as necessidades específicas de cada município, podemos trabalhá-las para potencializar o processo de aprendizagem e melhorar, cada vez mais, a qualidade da educação do Estado.

COMO ESTÁ A PRIMEIRA TURMA DO PAIC

A turma que, em 2009, começou com o PAIC está agora no 5º ano. Veja a seguir o depoimento de professoras que acompanham esse processo.

Neilane Maia

(E.E.F. André Campelo – Potiretama)

“A aprendizagem dos alunos do 5º ano melhorou bastante. Eu estou em sala de aula trabalhando com essa série desde 2009 e percebo que a turma atual, que foi acompanhada pelo PAIC desde o 1º ano, chegou com bagagem de conhecimento maior que as outras. Aproveito o espaço para reforçar que gosto muito do Programa e do material disponibilizado. É bastante rico”.

Samea Farias

(Gerente do Paic de Tamboril.

Foi coordenadora em 2012 na E.M.E.I.F Professora Julieta Alves Timbó)

“Com o PAIC, pôde-se acompanhar o aluno bem de perto, além de ter acesso e utilizar um material que apresenta boa sequência didática. Isso contribui para potencializar o ensino de Português e de Matemática. Dessa maneira, as habilidades e competências acabam sendo mais desenvolvidas. Os resultados em avaliações externas como a Prova Brasil e o Spaece melhoraram significativamente. Acredito que isso se deva a um trabalho que se inicia no 1º ano do Ensino Fundamental e recebe continuidade”.

Francisca Valdete

(Escola Raimunda Camelo Gomes - Catunda)

“Noto que os alunos estão chegando ao 5º ano com um nível de compreensão do conteúdo muito maior do que em outras épocas. Outro dado significativo é que a quantidade de alunos que chega sem saber ler é muito menor. Percebo, também, que os estudantes têm maior interesse por livros e os buscam de maneira independente, sem precisar que ninguém peça que o façam. Isso há mais tempo era algo raro de acontecer. Outro aspecto que também teve mudança foi em relação à dificuldade por parte dos alunos em entrar na rotina. Hoje é menor”.

PAIC E PAIC+ AO LONGO DOS ANOS



2007

Implementação do Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC) e ampliação do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (Spaee) para avaliar alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, o Spaee-Alfa. Na época, 47,5% dos alunos estavam na situação não-alfabetizados. Dos 184 municípios, somente 14 estavam no nível desejável em alfabetização.



2008

Início das intervenções nas escolas. O PAIC apoia tecnicamente as administrações municipais, capacitando professores e técnicos, fornecendo material didático, sensibilizando as famílias e a comunidade, além de acompanhar e monitorar os resultados das ações implementadas.



2009

O Governo do Estado instituiu o Prêmio Escola Nota Dez –, destinado

a premiar até 150 escolas públicas com os melhores resultados de alfabetização, tendo por base o Índice de Desempenho Escolar – Alfabetização (IDE-Alfa). Também como uma Política de Incentivo, o Governo do Estado vinculou a distribuição do ICMS a indicadores municipais (Índice de Qualidade da Educação – IQE, Índice de Qualidade da Saúde e Índice de Qualidade do Meio Ambiente), considerando um peso maior aos indicadores educacionais (alfabetização e 5º ano).



2010

Com a progressiva atuação do PAIC, houve maior redução no percentual de alunos no nível não-alfabetizado, passando de 28,3% para 16,3%. Assim, 70,7% dos alunos já se encontravam nos níveis desejáveis de alfabetização. Isso significa que o aluno já apresenta uma leitura com capacidade de estabelecer ligações entre as diferentes partes de um texto, identificando o assunto principal.



2011

O Governo, atendendo às demandas dos municípios, implanta o

Programa Aprendizagem na Idade Certa (PAIC +5) que estendeu as ações antes destinadas às turmas da Educação Infantil ao 2º ano do Ensino Fundamental para o 3º, 4º e 5º anos nas escolas públicas dos 184 municípios cearenses. Neste ano, o Prêmio Escola Nota Dez se estendeu às escolas de 5º ano.



2012

A Seduc através do PAIC +5 intensificou as suas ações de formação continuada de professores e técnicos municipais, distribuição de materiais de literatura, apoio à gestão municipal e escolar, bem como materiais de apoio ao trabalho do professor em sala de aula (agendas, revistas, cartazes, cantinhos de leitura etc.). No 5º ano, os percentuais relativos à aprendizagem melhoraram de 2011 para 2012. Em Língua Portuguesa, subiu de 22,4% para 29%. Em Matemática, era 18,6% passando para 20,2%. No 2º ano, os resultados são perceptíveis. Houve redução na situação de alunos não alfabetizados, passando de 47,5%, em 2007, para 8,7%, em 2012. **PI**



Olhando para si

O psicólogo Jung percebeu que algumas pessoas têm um jeito de ser, de funcionar e de pensar parecidos. Qual é o seu?

Quando encontramos pessoas com comportamentos parecidos aos nossos, geralmente a convivência torna-se algo mais fácil e são menores as quantidades de atritos, pois nos vemos um pouco no outro. No entanto, as pessoas pensam e reagem de maneiras diversas. O autoconhecimento e também a percepção de diferentes tipos de personalidade podem colaborar para interações mais harmônicas, seja no ambiente familiar, seja no ambiente de trabalho ou em outros.

O psicólogo suíço Jung – contemporâneo de Freud e por muito tempo seu seguidor – escreveu o livro intitulado “Tipos Psicológicos”, em que destaca suas percepções clínicas sobre traços de personalidade das pessoas. A partir das con-



"Algo bem interessante que Jung mostra, e com o MBTI fica muito claro, é que não tem um tipo melhor do que outro. Quando fiz pela primeira vez esse inventário e recebi meu relatório, tive uma sensação boa de que não é errado ser como eu sou, nem é melhor nem pior. Logo, esse é um instrumento que possibilita identificar tipos de personalidade e compreender as diferenças individuais, mas não como um chavão."

O psicólogo Pádua Campos, que aplica, em Fortaleza, o MBTI.

tribuições de Jung, duas americanas, Katharine C. Briggs e sua filha Isabel Briggs Myers desenvolveram um inventário – MBTI (Myers Briggs Type Indicator) – pelo qual é possível identificar uma determinada tipologia de personalidade e suas tendências de comportamento.

O psicólogo Antônio de Pádua Campos Filho, que realiza aplicações do MBTI em Fortaleza, junto a um seminário explicativo sobre as tipologias e sobre o relatório, falou-nos um pouco mais sobre a criação desse inventário, sua importância e as características de cada tipologia. Segundo o psicólogo, “Jung observou que temos duas principais funções na nossa mente: a de perceber e a de julgar. Perceber significa a maneira como colhemos informações do mundo. Julgar é como tomamos decisões e fazemos escolhas. Em sua teoria, não percebemos e julgamos da mesma forma. Não vemos o mundo e nem tomamos decisões do mesmo jeito”.

Dentro da maneira de perceber, encontram-se dois grupos, que são o dos Sen-



soriais e o dos Intuitivos. Os primeiros são aqueles que tendem a ser mais realistas, específicos, focados, detalhistas, concretos e práticos. Já os intuitivos têm uma percepção do que é mais geral, do que está nas entrelinhas e preferem as relações e o que é simbólico. Em relação à função de julgamento (não se toma aqui no sentido negativo da palavra) há os tipos Sentimental e Pensador (Racional). O primeiro se caracteriza principalmente por levar muito em consideração o impacto de uma decisão em outra pessoa, enquanto os Pensadores são mais lógicos, objetivos e impessoais.

Outra percepção de Jung foi a respeito da maneira como as pessoas se energizam. Algumas o fazem nas interações com as pessoas e com o meio, enquanto outras se energizam voltando-se para seu interior, seus pensamentos, seus sentimentos. Os primeiros são os que chamamos de extrovertidos, e os mais voltados para o interior, os introvertidos.

As duas americanas que formularam o MBTI perceberam um novo padrão de preferência: o dos Julgadores e o dos Perceptivos. Os Julgadores sentem-se mais confortáveis planejando, controlando, preferem rotina e não gostam muito de surpresas.

Já para os perceptivos, rotina e planejamento são sinônimos de estresse. Eles tendem a ser mais flexíveis e lidar melhor com improvisação.

Esse é, portanto, um instrumento que possibilita a compreensão e clareza das diferenças individuais sem sobrepor um tipo a outro. Como afirmou Pádua Campos: “Qualquer instrumento que tenda a classificar pessoas é muito perigoso se for utilizado para excluir, se-

parar os melhores dos piores. O motivo da criação do MBTI foi exatamente o inverso. Ele busca identificar onde as pessoas podem ser mais úteis e como elas podem reconhecer o seu potencial. Serve para incluir e mostrar que não é errado ser como se é e que se pode ser feliz e bem-sucedido sendo da tipologia que é. Sempre há as delícias e as dores de ser como é, e isso dá conforto para as pessoas”, explica. **PI**

TIPOLOGIAS

Extrovertidos: energizam-se nas interações com as pessoas e com o meio; são mais voltados para o exterior; geralmente são impulsivos

Introvertidos: energizam-se se voltando para o interior – seus pensamentos, seus sentimentos; precisam de tempo para reflexão; geralmente não são muito sociáveis

Sensoriais: são mais realistas, específicos e focados; percebem a realidade através de seus sentidos; percebem aquilo que é; tendem a ser mais detalhistas, mais práticos e mais concretos, e gostam disso porque é nesse mundo que se sentem mais seguros

Intuitivos: os intuitivos percebem de maneira mais geral; gostam do que está nas entrelinhas; têm preferência pelo que é simbólico; tendem a interpretar dados por meio de suas impressões pessoais e crenças

Racionalistas (Pensadores): tomam suas decisões pautados na lógica; são objetivos; tendem a ser mais impessoais

Sentimentais: na hora em que tomam decisões levam em maior consideração o impacto de sua escolha sobre outras pessoas

Julgadores: têm preferência por colher informações; sentem-se mais desconfortáveis tomando decisões e julgando, ou seja, quando as decisões são tomadas por eles, sentem-se mais confortáveis

Perceptivos: rotina e planejamento geram estresse; são mais flexíveis e lidam melhor com improvisação e com surpresa; não gostam de ter tudo “certinho”



Sadio para você, benéfico para a natureza

Além de ser bom para a saúde, por ser livre de agrotóxicos, os alimentos orgânicos favorecem o meio ambiente

Muito se ouve falar a respeito dos alimentos orgânicos e dos benefícios que eles podem gerar para a saúde. Cada vez mais presentes nas prateleiras dos supermercados

e indicados por especialistas, esse tipo de produto pode ser um diferencial no cotidiano alimentar da sua família, como forma de prevenção às doenças possivelmente causadas pelos agrotóxicos.

Os alimentos verdadeiramente orgânicos – geralmente especificados no rótulo – são livres de fertilizantes, hormônios, aditivos e outras químicas. A vantagem para a nossa saúde está na carga de produtos que deixa de ser ingerida. Ainda que não haja estudos

definitivos sobre os efeitos negativos dos agrotóxicos, já se reconhece que eles têm uma ação cumulativa no desencadeamento de doenças como câncer e arteriosclerose.

Além de prevenir contra alguns males, os alimentos orgânicos ainda trazem vantagens nutricionais com relação aos micronutrientes (minerais e vitaminas) que são consumidos. Quando comparados aos convencionais, os orgânicos são digeridos mais rapidamente por não estarem atrelados a

BANANEIRAS ERUDITAS

Não há mais dúvida de que os produtos orgânicos fazem bem à saúde. Contudo, na fazenda Gaia, de Bernadete Ribeiro, localizada em Ipoema, Minas Gerais, além de existir o cultivo orgânico de suas bananeiras, elas também recebem um cultivo sonoro: durante oito horas do dia, o bananal cresce e amadurece ao som da música erudita. Através de cornetas acústicas resistentes ao sol e à chuva, Strauss, Beethoven, Wagner, Bach e, especialmente, Mozart são tocados para mais de 11 mil pés de bananas. “A ideia de instalar o sistema de som no bananal é uma consequência do cuidado com as plantas. Há vários anos, comecei a pesquisar práticas alternativas, entre elas o efeito das ondas sonoras sobre os vegetais”, esclarece a proprietária, que considera

importante retornar a um modo mais harmônico de produção entre o homem e a natureza, sem degradar o solo, o ar ou a água. Todas as ações da fazenda tem como principal finalidade a preservação do meio ambiente e, com essa iniciativa de expor as plantas à música erudita, Bernadete espera chamar atenção para o fato de que em muitos momentos da vida é preciso ser menos racional e usar mais a intuição, uma ferramenta importante, mas pouco utilizada na vida cotidiana. “Acredito que os seres humanos poderiam construir uma sociedade mais humana e verdadeira se pudessem se voltar ao que hoje chamamos de práticas alternativas, que carregam em si a chave para um mundo melhor”, concluiu Bernadete.



produtos químicos e, portanto, deixam o corpo menos sobrecarregado.

Um outro aspecto positivo na compra dos alimentos orgânicos é que, através deles, estamos apoiando a agricultura familiar, uma maneira mais ecológica e benéfica no cultivo de frutas e hortaliças. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário, 70% da produção de orgânicos no Brasil vem de núcleos de agricultura familiar. Sendo assim, através desse consumo, estaremos também protegendo o meio ambiente, preservando o solo e os lençóis freáticos, que estarão livres de química no local da plantação.

Contudo, para quem ainda não pode adquirir produtos orgânicos, recomenda-se que o alimento convencional seja lavado em água corrente e esfregado embaixo d'água. Soluções de uma colher de sopa de hipoclorito para 1 litro de água também são eficazes no combate contra agentes microbiológicos. **PI**

SAIBA MAIS

A fazenda Gaia está aberta a parcerias e a novas experiências que reforcem a preservação do meio ambiente. Contato: ribeiro.bernadete@terra.com.br



Consciência numérica e raciocínio lógico

Trabalhar noções e conceitos matemáticos desde cedo é essencial para a formação intelectual das crianças

A compreensão da matemática pode ser facilitada se ela for bem trabalhada com as crianças desde pequenas. Alguns conteúdos e habilidades devem ser explorados e estimulados constantemente, de diversas maneiras e de acordo com o nível delas. A contagem e a comparação de quantidades são importantes para o processo de aquisição da consciência numérica e para uma relação com a matemática cada vez mais desenvolvida. Para isso, propomos como uma atividade que pode ser feita com frequência a construção de tabelas.

Essa é uma proposta simples e leve para as crianças que não toma, necessariamente, muito tempo da aula. A ideia é

que o professor, junto aos alunos, monte tabelas comparativas de quantidade. O docente pode ter ideias variadas para compor uma tabela. Ela pode ser, por exemplo, da mesma quantidade de meninas e de meninos da turma, de quem tem ou não bicho de estimação, da preferência por filmes ou obras artísticas e outras.

À medida que cada criança for sendo indagada sobre sua preferência, ela ou o professor deve registrar a escolha na tabela. Esse registro pode ser feito por meio de desenho de símbolos, como bolas e traços, por meio de colagem de fichas ou palitos, ou alguma outra estratégia escolhida pelo docente.

Depois que todas as vozes e opiniões forem ouvidas e registradas, chega o momento da contagem. Ela pode ser coletiva, e o professor deve ficar atento aos alunos que fazem com autonomia, silenciam ou tentam acompanhá-la por imitação da

fala dos outros. Os dados da tabela podem ser explorados por meio de perguntas como: quantos elementos há aqui? E aqui? Alguém pode escrever esses números aqui embaixo? Onde encontramos mais? E menos? Precisaríamos de quantos votos para que essa coluna ficasse com a mesma quantidade que a outra? Essas perguntas não precisam ser feitas no mesmo dia, nem tampouco em relação à mesma tabela. **PI**





RACIOCÍNIO LÓGICO

Um conteúdo matemático que geralmente é pouco abordado nas escolas é o raciocínio lógico. Pensando nisso, propomos duas atividades que podem ser realizadas para estimular essa competência nas crianças. Para desenvolvê-las, sugerimos um passo a passo que pode ser usado em outras atividades de mesma natureza. Ele foi retirado do

livro *Ensinar e Aprender Brincando*, de Pam Schiller e Joan Rossano, e dispõe a sequência:

1. Ajude as crianças a identificar o problema;
2. Auxilie as crianças a gerar diversas soluções possíveis para o problema;
3. Deixe as crianças escolherem uma solução para testarem. Talvez você precise ajudar as crianças a esclarecer seu raciocínio.

“Por que você acha que vai dar certo, Maria?” Verbalizar pensamentos pode ajudar a determinar a melhor escolha da solução;

4. Permita que as crianças testem soluções seguras;
5. Ajude as crianças a avaliar os resultados. Deu certo? Foi a melhor solução? O problema foi resolvido de forma permanente ou apenas temporária?

O COPO ESTÁ CHEIO?



1. Encha um copo o máximo que for possível com pedrinhas e pergunte para as crianças se está cheio. Se elas acharem que não, peça que coloquem mais até que todas concordem que o copo está cheio. Pergunte, então, se acham que o copo está cheio ou se ainda cabe mais alguma coisa. As crianças provavelmente dirão que não.

2. Coloque, então, sal ou areia no copo e as surpreenda com o fato de ainda haver lugar para mais coisas entre as pedrinhas. Pergunte novamente em seguida se o copo está cheio. Há probabilidade de dizerem que sim.



3. Ponha água no mesmo copo e, mais uma vez, deixe as crianças maravilharem-se novamente. Pergunte se alguém sabe por que a água ainda coube no copo e enfatize os microespaços entre a areia.

4. Indague-as se o processo pode ser invertido, começando com um copo cheio de água e adicionando sal e pedrinhas. Experimente as sugestões delas.

DUAS PARTES, TRÊS PESSOAS!

Proponha a seguinte situação para as crianças: Juliana e Cecília acabam de fazer um sanduíche de queijo. Elas usaram as duas últimas fatias de pão e, por isso, cortaram o sanduíche ao meio. Quando iam dar a primeira mordida, João entra na cozinha e pede um pouco do sanduíche. O que Juliana e Cecília podem fazer para que todos comam quantidades iguais do sanduíche?





Pergunter

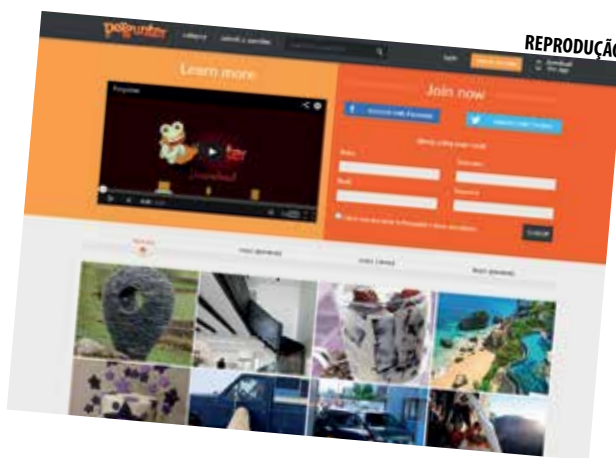
Ver a foto de uma praia ou serra, ter vontade de conhecer o local, mas não saber o nome. Passar por uma rua e reparar em um muro que tem uma obra feita de grafite que desperta a atenção de quem passa e desejar descobrir o nome do artista. Isso já aconteceu com você?

A rede social Pergunter foi criada para responder a questões como essas, relacionadas a imagens ou vídeos, enviados pelos usuários da rede. Assim como o Orkut, o Pergunter está

organizado em tópicos com perguntas e respostas. Também tem semelhanças com o Twitter, pois permite seguir e ser seguido por outros usuários. A rede pode ser acessada por meio de interface web ou pelo aplicativo para iPhone. Além disso, também possibilita aos usuários compartilhar questões com os colegas de maneira privada, assim como enviar as per-

guntas feitas facilmente para outras redes sociais, entre elas o Twitter, Facebook e Google+.

A proposta do Pergunter é bastante elogiada pelos usuários, que já o consideram um dos melhores aplicativos criados na Internet. **PI**



REPRODUÇÃO

Vale a pena conferir

NET Educação

Na página da empresa NET, destinada à Educação, pode-se encontrar diversas notícias sobre a área, histórias de alunos, pais e professores, concursos culturais, aulas animadas, jogos educativos, áudios, vídeos, e muito mais. O site também traz a programação de canais de educação e, em um de seus espaços, intitulado "Experiências Educativas", há conteúdos diversos divididos em categorias: planos de aula, áreas de conhecimento (projetos desenvolvidos contemplando distintas áreas do saber), multimídia, livros da estante e dossiês.

www.neteducacao.com.br

PorVir

Quem trabalha com Educação não pode deixar de conferir o site PorVir. O site apresenta projetos na área educacional de várias partes do mundo e é uma boa fonte de inspiração para professores. São apresentados artigos, eventos e novidades sobre educação. Boa oportunidade de se manter atualizado e buscar inspiração para inovar nas aulas.

www.porvir.org



A prova

Responsável por causar momentos de ansiedade e cobrança nos estudantes, a prova é decisiva em diversos momentos da vida



S seja para passar em uma disciplina da escola, ingressar na faculdade ou disputar uma vaga em concurso público, o candidato tem que passar por uma prova a fim de avaliar o seu grau de aprendizado e conhecimento. Mas como surgiu esse sistema?

Também conhecida como avaliação ou exame, a prova é uma invenção chinesa que surgiu em meados do século X, quando imperadores da dinastia Sung idealizaram um sistema para selecionar futuros funcionários, sem apadrinhamentos que eram comuns na época. Pela primeira vez, o candidato era submetido a rigorosos testes, com critérios de correção bem severos para evitar qualquer tipo de fraude. Após 800 anos, o sistema de seleção por mérito chegou à Europa.

Uma das provas mais marcantes na vida de um estudante é o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Por meio do Exame, o aluno tem a oportunidade de ingressar na faculdade, ser um futuro profissional formado e, como dizem nossos avós, “virar gente grande”. No Brasil, os exames para selecionar candidatos às faculdades surgiram em 1911. Ao longo dos anos, esses concursos, como eram chamados, sofreram mudanças.

Em 1911, ano em que surgiu o exame, as universidades brasileiras eram ocupadas por estudantes de escolas consideradas tradicionais do Rio de Janeiro. Como houve grande aumento na procura por essas universidades, maior do que a quantidade de vagas disponíveis, foi ne-

cessário elaborar uma prova em que os estudantes com melhor desempenho garantiriam uma vaga, tal como acontece até hoje.

Na década de 1960, as provas das universidades federais eram realizadas todas no mesmo dia, o que impedia o candidato de concorrer a mais de uma vaga em qualquer universidade do país, apenas pelo vestibular unificado – um mesmo vestibular para várias instituições –, que também surgiu nessa época.

Em 1970, mais mudanças. Foi criada a Comissão Nacional do Vestibular Unificado para regulamentar a seleção, os exames passaram a ter datas diferentes e o conteúdo da prova foi restrito a disciplinas do Ensino Médio juntamente às atualidades. **PI**



Música e arquitetura unidas

Com composições de sucesso e projetos arquitetônicos consagrados, Fausto Nilo se tornou um dos cearenses mais influentes do Brasil

Poeta, compositor e arquiteto. Esses são os talentos de Fausto Nilo Costa Junior, cearense nascido em 1944, no município de Quixeramobim. A música e a arquitetura sempre fizeram parte de sua vida. Desde a infância, o cearense tem contato com a música, por influência de seu avô, Fausto Costa. Em 1970, aos 11 anos, Fausto Nilo foi morar em Fortaleza e, aos 20 anos, ingressou na faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Na UFC, quando ainda estudava arquitetura, durante a década de 1970 entrou em contato com os “amigos compositores” e passou a se encontrar com músicos que também tentavam a carreira artística, como Belchior, Ed-

nardo e Fagner. A música já era destino traçado em sua vida e, em 1971, por causa de questões políticas, Fausto se mudou para Brasília e foi lá que compôs suas primeiras músicas. O primeiro sucesso, intitulado “Fim do mundo”, veio no ano seguinte, em 1972, em parceria com o cantor Fagner.

Além de Fortaleza e Brasília, Fausto também morou em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde trabalhou como arquiteto e letrista. No Rio, ficou durante 15 anos, tempo em que se dedicou à carreira de letrista e ao estudo de urbanismo.

Apesar do talento como músico, Fausto optou apenas por compor canções. Embora já tenha feito apresentações cantando diversas músicas de

sucesso e de sua autoria, ele não se considera cantor. “Sou letrista”, explica o próprio.

O ano de 1981 foi marcante em sua carreira. O compositor ocupou as paradas de sucesso com suas canções “Pequenino cão” e “Pão e poesia”, gravadas pela cantora Simone, “Eu também quero beijar”, por Pepeu Gomes, “Amor nas estrelas”, por Nara Leão, “Zanzibar”, pelo grupo A Cor do Som, “Meninas do Brasil”, por Moraes Moreira e “O elefante”, por Robertinho de Recife.

A frase “Faço arte com pandeiro, matemática e loucura”, que corresponde a um trecho da música “Meninas do Brasil”, representa muito bem uma metáfora do resumo da trajetória de sua vida



MÁRCIA CATUNDA

As composições de Fausto também fizeram sucesso em telenovelas. Compôs “Santa fé”, tema de abertura da novela “Roque Santeiro”, da TV Globo, interpretada por Moraes Moreira, e o tema de abertura da novela “Pedra sobre pedra”, da mesma emissora.

As primeiras apresentações do talentoso cearense como cantor foi em 1996, com o CD “Esquinas do Deserto”. Já o segundo solo veio em 2002, com o disco autor-referencial “Casa Tudo Azul”, produção independente em que o arquiteto rememorou canções antigas de outros trabalhos. No ano seguinte, ele começou suas atividades como intérprete e produtor de seus discos.

O trabalho e o talento de Fausto Nilo são tão reconhecidos que, em 2004, o quixeramobinense recebeu o troféu “Sereia de Ouro”, que premia as maiores personalidades do Ceará. A frase “Faço arte com pandeiro, matemática e loucura”, que corresponde a um trecho da música “Meninas do Brasil”, realizada em parceria com Moraes Moreira, representa muito bem uma metáfora do resumo da trajetória de sua vida.

Em 2010, o cearense foi homenageado no carnaval



promovido pela Prefeitura de Fortaleza. Pelo fato de ser dono de um repertório com mais de 400 composições e várias marchinhas, o arquiteto foi a personalidade escolhida para receber a homenagem.

Fausto Nilo lançou no total quatro CD's onde ele canta suas próprias composições. O quinto CD e mais recente, “Quando fevereiro chegar”, foi lançado ainda em 2010 e contém 12 músicas de carnaval de autoria dele, interpretadas por grandes artistas da músicas popular brasileira: Caetano Veloso, Zé Ramalho, Elza Soares, Geraldo Azevedo, Ivan Lins, Fernanda Takai, Carlinhos Brown, Zeca Baleiro, Jorge Vercillo, Moraes Moreira e Fagner.

Até hoje Fausto compõe letras musicais. “Eu nunca parei de criar letras, faço isso todos os anos. Durante o dia, trabalho como arquiteto e, à noite e nos finais de semana, escrevo minhas letras. A inspiração vem de forma repentina, inclusive quando estou andando na rua”, conta.

Por toda essa trajetória de sucesso, Fausto Nilo é considerado por muitos fãs o talentoso “arquiteto de traços e palavras”. **PI**



Perda de audição: como evitar?

Conheça as causas e os cuidados necessários para não contrair esse problema

Durante as aulas de Ciências na escola, é comum estudarmos sobre as partes do corpo humano. Uma das partes mais abordadas é o ouvido, especialmente os cuidados com o tímpano, membrana sensível e que é responsável pela nossa audição.

Todo esse aprendizado não é por acaso, afinal é muito comum perder um pouco da audição após os 20 anos, por isso é importante essa conscientização ainda na infância. Várias causas levam à perda de audição, entre elas o acúmulo de cera, objetos estranhos presos no canal auditivo, perfuração ou cicatriz no tímpano por infecções repetidas e exposição em locais de intenso barulho.

Foi o que aconteceu com o estudante Carlos Machado*, 25 anos. Há um ano, ele foi a uma festa onde o som estava extremamente alto e, desde aquele dia, nunca mais conseguiu recuperar a audição de antes: “Eu tinha a audição perfeita e, nesse dia, fiquei exposto ao som alto por mais de cinco horas. Ao sair do local, havia um chiado muito mais forte do que os que costumam ficar quando os ouvidos são expostos a sons não tão altos. Um

mês depois e o chiado continuava incomodando. Procurei um médico e, até hoje, estou impossibilitado de frequentar locais barulhentos”, lamenta.

Desde o ocorrido, Carlos mudou totalmente seu estilo de vida e revela que até sons medianos o incomodam: “Desenvolvi hiperacusia, que é uma super sensibilidade ao som, mesmo em volume normal. Não suporto som de moto e ônibus, sirene é uma tortura. Deixei de frequentar bares e boates, que eram meus programas favoritos nos finais de semana. Meu hobby era a música, eu gostava de tocar baixo e até isso ficou limitado”, conta.

Assim como Carlos, milhares de jovens estão contraindo perda auditiva, também conhecida como osteosclerose. Isso se deve principalmente ao constante contato com ruídos intensos, especialmente os de aparelhos eletrônicos, como MP3, MP4, Ipods, entre outros. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), somente no Brasil 5,7 milhões de pessoas possuem algum grau de insuficiência auditiva.

Ruídos a partir de 50 decibéis já são capazes de causar danos ao indivíduo, variando de acordo com o tempo de exposição e intensidade, como é o caso de uma máquina de



lavar roupa que tem aproximadamente 75 decibéis. Já com a exposição a valores acima disso, aumentam os riscos de infarto, infecções e distúrbios mentais. Um único ruído, de aproximadamente 100 decibéis, é capaz de deixar uma pessoa irreversivelmente surda. Entre os exemplos estão Ipod no volume máximo (114), britadeira (120), turbina de avião (130) e disparo de arma de fogo (140).

Os professores que lidam com crianças com algum problema auditivo devem tomar alguns cuidados especiais:

“É importante deixar as crianças com perda auditiva sempre sentarem nas carteiras localizadas mais na frente e evitar falar ao estar de costas para o aluno”, orienta a fonoaudióloga Angélica Carneiro.

As crianças que não possuem problemas auditivos também devem ter alguns cuidados dentro de sala de aula: “O som alto, seja qual for a forma, pode provocar surdez. Por isso, é importante a conscientização das crianças para que seja evitado o som de alta intensidade em sala de aula”, conclui Angélica.

Além da exposição ao barulho, outra causa muito comum para a diminuição da audição é o acúmulo de cera no interior do ouvido. Felizmente é possível evitar esse problema com cuidados básicos que podem ser feitos em casa, como limpar delicadamente o local afetado com seringas específicas, que são encontradas em farmácias, e água morna. Além disso, objetos pontiagudos jamais devem ser utilizados com essa finalidade. **P**

*NOME ALTERADO A PEDIDO DO ENTREVISTADO

COMO EVITAR A PERDA DE AUDIÇÃO

1. Evite ficar muito tempo em locais barulhentos



2. Não ouvir música com fones de ouvido muito altos



3. Caso trabalhe em ambiente barulhento, use protetores de ouvido



4. Não use objetos pontiagudos para limpar o ouvido



5. Consulte seu médico com regularidade



A tríade soviética

As contribuições soviéticas demoraram a influenciar o mundo, mas hoje influenciam de maneira significativa a educação e a psicologia

A educação e a psicologia educacional receberam contribuições de teóricos do mundo todo. Entre eles, destacam-se os russos Vigotsky, Leontiev e Luria, que propuseram teorias inovadoras sobre algumas temáticas, como a relação pensamento e linguagem, a natureza do processo de desenvolvimento da criança e o papel da instrução no desenvolvimento.



Segundo José Carlos Libâneo e Raquel Freitas, “as pesquisas em parceria desse grupo foram iniciadas em 1924 e se estenderam até 1934, vindo a formar a base teórica da psicologia histórico-cultural [corrente da psicologia que baseia suas explicações no desenvolvimento da mente humana a partir do materialismo dialético] em relação a temas como origem e desenvolvimento do psiquismo, processos intelectuais, emoções, consciência, atividade, linguagem, desenvolvimento humano e aprendizagem”.

Esses aportes teóricos foram desenvolvidos a partir da busca, por parte do grupo, de uma alternativa para o conflito entre as concepções idealista e mecanicista, que marcaram a crise da psicologia na época.

De acordo com o livro “Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem”, que compila textos originais da Tríade, há a afirmação de que “o fundamento básico dessas hipóteses levantadas é que os processos psicológicos superiores humanos são mediados pela linguagem (semânticos) e estruturados não em localizações anatômicas fixas no cérebro, mas em sistemas funcionais, dinâmicos e historicamente mutáveis”. Em outras palavras, os seres humanos nascem com estruturas

psicológicas elementares, como os reflexos, típicos do organismo. No entanto, por meio da interação social, desenvolvem estruturas mais complexas que os distinguem do restante dos animais. São exemplos o pensamento abstrato, a capacidade de planejar, a atenção voluntária e o controle consciente do comportamento.

Uma das contribuições mais significativas de Vygotsky foi a descoberta da relação entre pensamento e linguagem e a importância da mediação social no processo do conhecimento. A comunicação com outras pessoas e as funções psicológicas superiores envolvidas se efetivam na atividade externa para que, somente depois, seja internalizada de maneira individual. Essa internalização é regulada pela consciência e mediada pela linguagem (os signos adquirem sentido e significado). Essa teoria realça a importância e necessidade da mediação cultural e também da dimensão individual da aprendizagem.

Ainda segundo José Libâneo e Raquel Freitas, “na concepção histórico-cultural, a atividade é um conceito-chave, explicativo do processo de mediação. Também assinalaram que o homem não reage mecanicamente aos estímulos

do meio, ao contrário, pela sua atividade, põe-se em contato com os objetos e fenômenos do mundo circundante, atua sobre eles e transforma-os, transformando também a si mesmo. Centrada na categoria teórica da atividade, a teoria histórico-cultural da atividade (ou teoria da atividade) surgiu como desdobramento da concepção histórico-cultural e foi desenvolvida por Leontiev (1903-1979) e depois por seus seguidores”.

Leontiev também realizou pesquisas durante dez anos sobre os vínculos entre os processos internos da mente e a atividade humana concreta. Encontrou a relação entre eles no contato ativo que o sujeito estabelece com o objeto. Para o russo, a atividade se concretiza por meio de ações, operações e tarefas, suscitadas por necessidades e motivos.

Luria, por volta de 1930, começara a se interessar por processos do sistema nervoso, como a instalação, perda e recuperação de funções. Para aprofundar seus conhecimentos, ingressou, junto a Vygotsky, na faculdade de Medicina. Seus estudos acabaram contribuindo bastante com descobertas na neurociência e com as abordagens psicomotoras atuais. 



Aposta o quê?

Um chocolate ou um carro, o que vale não é o que se ganha, mas ganhar

Um momento clássico que quase todas as pessoas já vivenciaram ou presenciaram é aquele em que opiniões divergentes circulam no mesmo ambiente e surge o desafio na forma da pergunta: quer apostar?

Essa pergunta chega aos ouvidos como o canto da sereia, afinal, faz parte da natureza humana buscar desafios e jogos em seu dia-a-dia. E, um bastante corriqueiro é a aposta. Apostamos dinheiro, objetos, bebidas, lanches, prendas e uma infinidade de pertences materiais ou não que a criatividade e disponibilidade permitem no momento. Ou simplesmente apostamos por hobby ou mania. Seja como for, a aposta tem sempre um propósito: ganhar.

Um tipo de aposta que se popularizou foi o bolão, em que um grupo de pessoas se junta para lançar coletivamente uma aposta e aumentar as chances

de vitória, rateando o prêmio no final. Em eventos esportivos, os bolões recebem grande aderência, especialmente em bares e estabelecimentos de lazer que exibem as competições. As pessoas pagam um pequeno valor ou nenhum e lançam suas apostas “no chute” sobre o placar final. Os prêmios são variados e o que mais motiva é festejar com os amigos.

Muitas pessoas também fazem bolões e outros tipos de aposta em relação a assassinatos misteriosos em novelas. A primeira trama que trouxe a pergunta “quem será que matou?” foi “O Sheik de Agadir”, exibida em 1967. O enredo girou em torno da ocupação da França pela Alemanha nazista. O sheik árabe Omar Ben Nazir (Henrique Martins) firma uma aliança com os alemães, no entanto, apaixonou-se pela francesa Jeanette Le-grand (Yoná Magalhães), noiva do capitão do exército francês Maurice Dumont (Amilton Fernandes). O sheik rapta a francesa e a leva para a cidade marroquina Agadir. No acampamento árabe, assassinatos misteriosos passaram a ser cometidos por

um espião apelidado de Rato. Ao final, descobriu-se que ele era a princesa Éden de Bassora (Marieta Severo), que, por ser apaixonada pelo sheik, matava aqueles que representavam ameaça a ele. Outras novelas, como “Vale Tudo”, “A Próxima Vítima” e, mais recentemente, “Avenida Brasil”, também trouxeram a discutida indagação e as apostas.

Em ambientes como no familiar e no de trabalho essa modalidade de aposta também é frequente e as pessoas podem usar como motivação. Muitos regimes para perder peso têm seu início nessas situações. Foi o caso de Gabriel Gonçalves, advogado, que passou sua infância sendo considerado obeso e conseguiu emagrecer a partir de uma aposta. Depois de ter frequentado diversos consultórios de nutricionistas e programas próprios para redução de medidas sem êxito, a avó de Gabriel teve a ideia de apostar uma quantia em dinheiro para cada quilo perdido. Se Gabriel ganhasse peso, ele teria de pagá-la e se perdesse recebia. Gabriel afirmou: “como era mais novo e não tinha consciência dos benefícios da perda de peso para minha saúde, essa aposta acabou sendo uma boa ideia e funcionou no início. Depois, na adolescência, emagreci mais ainda por conta própria. Hoje pratico



exercício e tomo cuidado para não voltar a engordar”.

Algumas pessoas lançam suas apostas em jogos e colocam como pagamento os mais diversos tipos de bens materiais. Nesses casos é necessária cautela para que o divertimento não se transforme em vício e traga malefícios, pois, sempre que se aposta, acredita-se que há grandes chances de ganhar e pode-se esquecer o momento de parar.

Outros jogos, no entanto, são disputados entre amigos e de maneira desinteressada. Foi o caso da estudante Marília Dias, que estava jogando pontinho com uma amiga e afirmou categoricamente que iria vencer. As duas, então, decidiram que a campeã poderia pedir o que quisesse. “Minha amiga venceu a competição e disse que eu pagaria aceitando sair com um amigo dela. Acabamos marcando outros encontros, nos conhecendo melhor e nos gostando, até que começamos a namorar”. O namoro já acabou, mas eles ainda são grandes amigos.

Independente do tipo ou do que se aposta, o fato é que todas as pessoas têm uma história para contar e poucos resistem à tentação de lançar um desafio ou aceitá-lo. Quer apostar? **PI**





O CEARÁ CONHECE

Muitos passam pelo centro de Fortaleza todos os dias, mas poucos o conhecem verdadeiramente. Indo bem além do caráter comercial, o centro possui, ao todo, 16 equipamentos culturais, onde estão representadas sob diversas formas a arte e a cultura do nosso povo. Conheça melhor algumas informações sobre esses espaços e, quem sabe, agende uma visita.





1 Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Rua Dragão do Mar, 81



Criado em 1999, o Centro Cultural Dragão do Mar — batizado em uma homenagem ao pescador Chico da Matilde, símbolo do abolicionismo cearense —, em seus 30 mil metros quadrados, reúne Memorial da Cultura Cearense, Museu de Arte Contemporânea, Biblioteca Pública Menezes Pimentel, teatro, cinemas, Planetário Rubens de Azevedo e muito mais.

2 Biblioteca Pública Estadual Gov. Menezes Pimentel

Av. Presidente Castelo Branco, 255



Criada em 1867 com o nome de Biblioteca Provincial do Ceará, a Menezes Pimentel se integra ao complexo do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Em uma área de 2.272 metros quadrados, com cinco andares, o prédio possui um acervo de cerca de 100.000 volumes à disposição da comunidade local.

3 Passeio Público

Rua Dr. João Moreira, s/n



Originalmente conhecido como Praça dos Mártires, é a mais antiga praça de Fortaleza, planejada em 1891 por Silva Paulet. Além do famoso baobá, plantado por Senador Pompeu em 1910, o local possui uma atmosfera charmosa, que nos remonta à Fortaleza Belle Époque. A Prefeitura realiza atividades culturais semanalmente na praça.

4 Sobrado do Doutor José Lourenço

Rua Major Facundo, 154



Este sobrado foi o primeiro prédio de três pavimentos do Ceará, erguido na segunda metade do século XIX, onde funcionaram oficina de marcenaria, repartição pública e bordel. Foi construído pelo médico José Lourenço de Castro Silva, para ser sua casa e consultório, simultaneamente. Atualmente, o sobrado abriga exposições e mostras artísticas.

5 Museu do Ceará

Rua São Paulo, 51



Com um acervo de mais de 13.000 peças que contam a história do nosso Estado, o Museu abriga coleções nas áreas de paleontologia, arqueologia e antropologia. Também possui exposições temáticas sobre povos indígenas, religiosidade, escravidão, literatura e outros temas, mostrando de forma nuançada a nossa diversidade cultural.

6 Theatro José de Alencar

Rua Liberato Barroso, 525



Inaugurado em 1910, o Theatro continua sendo um espaço aglutinador da cultura local, cheio de histórias e memórias. O complexo possui, além da sala de espetáculo em estilo art nouveau, auditório, foyer e um prédio anexo, que sedia a Biblioteca Carlos Câmara, o Teatro Morro do Ouro, salas de estudo e outros espaços que enriquecem o passeio de quem visita.

MENSAGEM PARA VOCÊ



Direção: Nora Ephron

Leve, romântico e com toques de humor, “Mensagem para Você” conta a história de Kathleen, dona de uma pequena livraria em Nova York que conhece um homem pela internet, com quem passa a trocar mensagens frequentemente e por quem acaba apaixonando-se. Apesar de ele também ter se encantado com ela, há um fato que dificulta esse romance. O desconhecido, Joe Fox, também é seu rival nos negócios e está abrindo uma livraria gigante ao lado da sua, o que acaba ameaçando a sobrevivência da mesma.

NOITES BRANCAS (DE DOSTOIÉVSKI)

“Noites Brancas”, do escritor russo Fiódor Dostoiévski, conta a história do encontro de dois personagens na cidade de Petersburgo, o Sonhador e Nástenka. O primeiro é um homem muito fechado em seus pensamentos e opiniões, que não tem amigos e que esconde seus sentimentos devido a uma mágoa sofrida, refugiando-se em um mundo próprio e fantasioso. Um dia, em suas andanças, percebe-se como alguém não tão diferente dos outros que julga e se sente sozinho. Nesse dia, avista uma mulher em uma ponte. Era Nástenka. Ela chorava e demonstrava uma grande tristeza. Eles começam a conversar, contar suas histórias e, aos poucos, reconhecem-se um no outro. Durante as quatro noites em que se encontram, vivem uma transformação que nunca desaparecerá de suas memórias.



UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES (DE CLARICE LISPECTOR)

Publicado em 1969, esse livro é um mergulho no íntimo de Lóri, professora primária, que vive um relacionamento amoroso com Ulisses, professor de filosofia. A relação entre esses dois personagens leva a um intenso processo de autodescoberta, especialmente por parte de Lóri que, como diversas outras personagens clariceanas, possui um mundo interior bastante denso e cheio de questionamentos profundos. Alguns críticos afirmam que esse livro pode ser uma continuação de uma obra anterior da autora, “A Paixão Segundo G.H.”, pois a primeira fase de “Uma Aprendizagem...” começa com uma vírgula: “, estando tão ocupada, viera das compras de casa que a empregada fizera às pressas porque cada vez mais matava serviço...” Mais um mistério da obra clariceana.



ADIVINHE O AUTOR

“Bate outra vez
Com esperanças o meu coração,
Pois já vai terminando o verão,
Enfim
Volto ao jardim
Com a certeza que devo chorar
Pois bem sei que não queres voltar
Para mim”

“Tudo de alegrias e de tristezas conheci
Coisas do amor e do sofrer eu já senti
Nada me transforma a alegria de viver
Ver a noite vir e sorrir ao sol nascer
Vivo esperando o novo dia
Que irá trazer a luz que sempre ficará”

“A sorrir
Eu pretendo levar a vida
Pois chorando
Eu vi a mocidade
Perdida”

“Esquece o nosso amor, vê se esquece.
Porque tudo no mundo acontece
E acontece que eu já não sei mais amar.
Vai chorar, vai sofrer, e você não merece,
Mas isso acontece.”

“Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Se alguém por mim perguntar
Diga que eu só vou voltar
Depois que me encontrar”

“Alegria,
Era o que faltava em mim,
Uma esperança vaga,
Eu já encontrei,
Pelos carinhos que me faz,
Me deixa em paz,
Não te quero ver,
Para nunca mais”

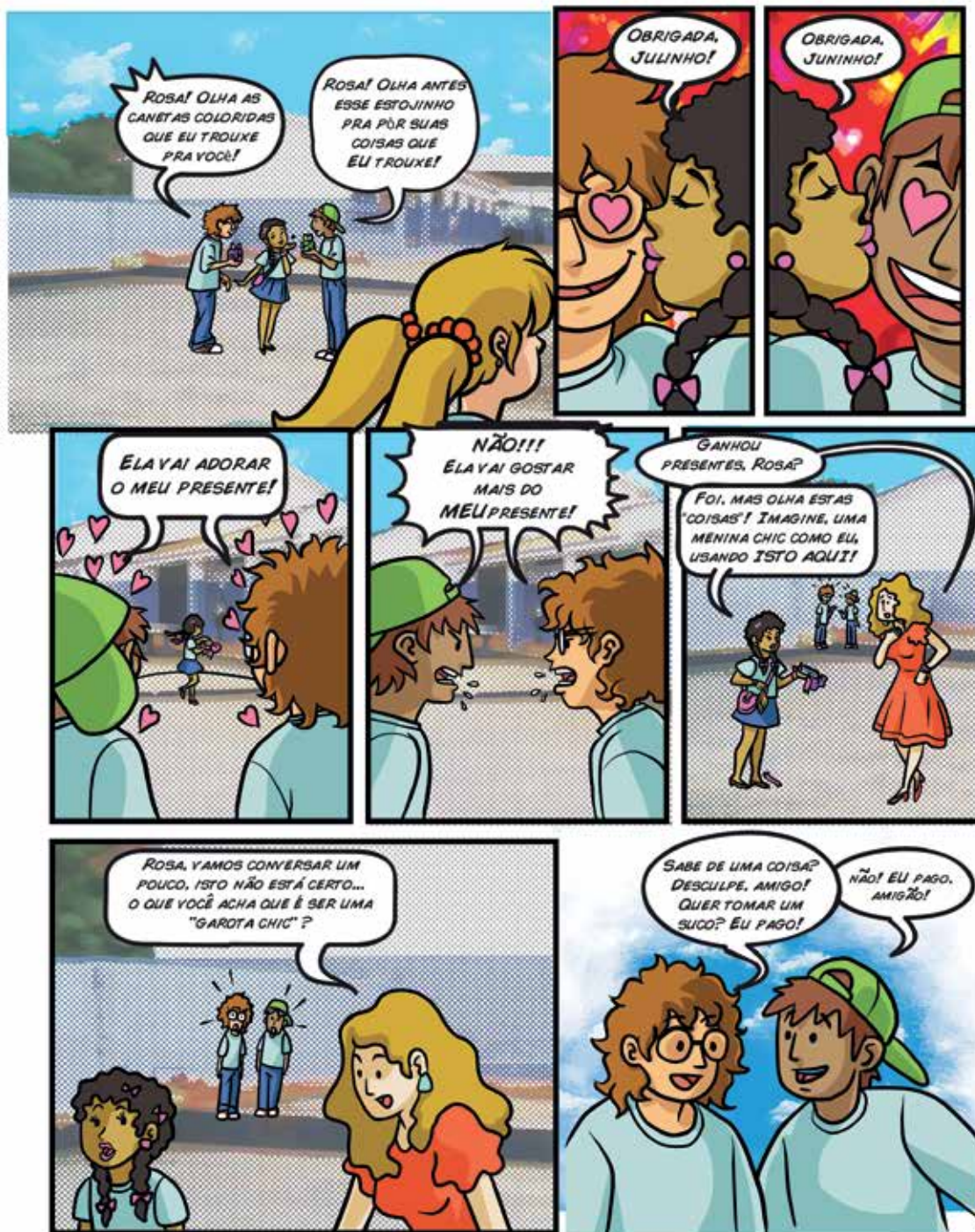
DICAS

- 1- Natural da cidade do Rio de Janeiro, nasceu em 1908 e faleceu em 1980.
- 2- É considerado um dos maiores sambistas brasileiros.
- 3- Seu nome é Angenor de Oliveira, mas é mais conhecido por seu apelido.
- 4- Trabalhou como servente de obra. Para proteger-se do cimento, começou a usar um chapéu-coco e, por isso, recebeu o apelido pelo qual é conhecido até os dias de hoje.
- 5- Junto aos amigos sambistas, entre os quais estavam Carlos Cachça e Grádim, fundou o Bloco dos Arengueiros, que daria origem à Estação Primeira de Mangueira.
- 6- Também atuou como cantor de rádio, cantando suas músicas e interpretando sucessos de outros compositores. Chegou até a criar um programa, em 1940, na rádio Cruzeiro do Sul, chamado A Voz do Morro.
- 7- Passou mais de dez anos distante do cenário musical. Muitos até acreditavam que havia falecido, quando o jornalista Sérgio Porto (mais conhecido como Stanislaw Ponte Preta) o encontrou trabalhando como lavador de carros pela manhã e como vigia de edifícios à noite.
- 8- Junto à sua segunda esposa, Zica, fundou um bar que era ponto de encontro dos sambistas cariocas e frequentado por jovens compositores da geração pós-bossanova. O nome do bar era a junção da primeira sílaba do nome de Zica com o apelido de Angenor – que tem três sílabas –, ou, do nome de sua esposa, da última letra da primeira sílaba do apelido do sambista e das outras duas sílabas.
- 9- Compôs sambas como “Infeliz Sorte”, “Perdão, Meu Bem”, “Não Quero Mais”, “Quem me Vê Sorrindo”, “As Rosas não Falam”, “Alvorada” e “O Mundo é um Moínho”.



SUPER PROF EM os presentes

POR: NATHALIA C. FORTE E REDI BORTOLUZZI
CONSULTORIA PEDAGÓGICA: LARA MACHADO
COR E ARTE-FINAL: RAFAEL VIANA



fim